

# PESSOAS e LUGARES

Jornal de Animação da Rede Portuguesa Leader +

Directora: Cristina Cavaco

[www.leader.pt](http://www.leader.pt)

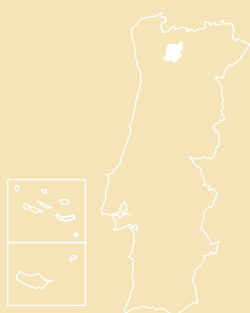
II Série | Nº 52 - 2008



Biblioteca Municipal Prof. Dr. Marcelo Ribeiro de Sousa, Celorico de Basto / Maria do Rosário Aranha

Em Destaque

## Literatura e Desenvolvimento Rural



Terras de Basto

**Probasto**

**P 12 Fim-de-semana nas Terras de Basto**

**P 3 Publicações apoiadas pelo programa LEADER**

**P 4 e 5 Entrevista a Ana Paula Guimarães**

**P 6 a 8 As Terras de Basto na literatura**

# Cultura, leitura e desenvolvimento

Escrevi há poucos meses, num outro editorial, que a cultura desempenha um papel fundamental nas sociedades. Verdade infantil, quase diria, mas cada vez que me torno mais maduro melhor compreendo esta evidência. Mas há muitas faces nesta análise. Vejamos esta. Temos, muitos, com a cultura uma relação de profunda timidez e, simultaneamente, de enorme respeito. Ninguém nega a importância da cultura, ninguém a refuta como supérflua. Se numa qualquer ocasião nos questionarem quais são os nossos melhores hobbies, prontamente dizemos a leitura, “adoro ler!”. Se saímos com uma qualquer amizade especial, se a queremos impressionar vamos a um concerto, ou a uma exposição. Nunca a uma tasca ver futebol (bem sei que já não é bem assim, mas adiante...). Mas quando cruzamos o número de livros vendidos com as respostas dos nossos lusitanos irmãos, chegamos rapidamente à conclusão de que os portugueses andam há muito a emprestar livros uns aos outros. Ou seja, a cultura desempenha na sociedade portuguesa o papel da sala de visitas nas casas dos nossos avós. Está guardada para os outros, e o seu recheio é quase sempre o espelho daquilo que gostaríamos de ser. Abrimo-la em dias de festa mas no dia a dia está fechada para não entrar o pó porque estraga.

Esta relação de cerimónia com a cultura, e com a literatura em particular, advém do facto de não termos com ela uma relação de intimidade. O respeito formal decorre do “pânico” de sermos apelidados de saloios, parolos, básicos, monos e outros epítetos associados à ignorância. Não há pois uma relação de igual para igual. E muita da culpa será das apelidadas elites culturais do nosso país, por muitas vezes utilizarem uma linguagem hermética, devastadora para um simples leigo.

Mas voltemos à cultura. Provavelmente do que se trata em muitos casos é que olhamos para a cultura como um valor e pronto. Só nos rendemos à cultura se nela encontrarmos respostas e sensações. Significa pois que só valorizamos realmente, intimamente, a cultura se ela nos ajudar a ser mais felizes nem que seja por momentos. Falar de Pessoa na Serra da Gardunha, não será propriamente melhor do que falar de Joaquim Manuel em Vila Boim.

O Programa LEADER+ terá contribuído, e muito, para que a cultura se democratizasse. Perceberam as associações LEADER que cultura sem empatia de nada serve. Procurar os valores que nos são caros, aqueles em que nos revemos, é condição indispensável para que a cultura comece a fazer parte das nossas vidas. O LEADER+ ajudou a produzir um sem número de livros, apoiou bibliotecas, ludotecas, e algumas até com rodas para levarem a cultura onde ela não chega. Trabalhou com escolas, apoiou teatros, museus, enfim, ajudou a trazer a cultura às pessoas, tirou-lhes a cerimónia. Tratou os temas que são nossos, que nos trazem memórias e que nos identificam. Pena que o Francisco Botelho não esteja aqui porque ele saberia explicar isto muito melhor do que eu.

Ah! E já agora a cultura da batata também é cultura. Pois... é que muitos que por aí andam ainda não perceberam a enorme semelhança entre a cultura e a cultura, mas falam de desenvolvimento rural, ou das culturas no desenvolvimento rural, com estrume, porque é bio, vida portanto, cultura pois...

**Rui Veríssimo Batista**  
Chefe de Projecto PIC LEADER+



## Pedido de envio do Jornal Pessoas e Lugares

|              |                  |
|--------------|------------------|
| Nome:        |                  |
| Organização: |                  |
| Função:      |                  |
| Morada:      |                  |
|              | Código postal: - |
| Telefone:    | Fax:             |
| E-mail:      |                  |
| Comentários: |                  |
|              |                  |
|              |                  |

Recorte ou fotocopie, e envie para: DGADR, Rede Portuguesa LEADER+, Tapada da Ajuda - Edifício I - 1349-018 Lisboa

O **Pessoas e Lugares** - Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+ tem por objectivos divulgar e promover o LEADER+, assim como reforçar uma imagem positiva do mundo rural.

O **Pessoas e Lugares** tem uma periodicidade mensal e a sua distribuição é gratuita.

Se pretender receber o jornal **Pessoas e Lugares** preencha, por favor, o formulário anexo (recorte ou fotocopie) e envie para:

DGADR - Direcção-Geral de  
Agricultura e Desenvolvimento Rural  
Rede Portuguesa LEADER+  
Tapada da Ajuda - Edifício I  
1349-018 Lisboa

Telf.: 21 361 32 57  
Fax: 21 361 32 77

Ou aceda ao site da Rede Portuguesa LEADER+ **www.leader.pt** e preencha, por favor, *on line* o formulário disponível no link **Pessoas e Lugares**.

No caso de desejar receber mais do que um exemplar de determinado número do jornal **Pessoas e Lugares**, para distribuir num evento, por exemplo, pedimos o favor de fazer chegar essa informação à DGADR com a devida antecedência. Obrigado.



# Pessoas e Lugares – publicações apoiadas pelo programa LEADER

Criar competências, inventar soluções, construir o futuro: esta é a grande virtude da abordagem LEADER, deixando espaço para o detalhe, ajustando soluções que partem de uma pequena ideia e transformando-as num projecto de valor acrescentado para o local.

A intervenção em prol do desenvolvimento sustentável implica que as Associações de Desenvolvimento Local (ADL) promovam actividades com objectivos tão amplos quanto a multiplicidade de interesses que os territórios rurais apresentam. Nesta perspectiva, e porque a intervenção das ADL é integrada e diversificada, a dimensão literária e cultural não ficou esquecida nas actividades e preocupações das ADL e constitui mesmo, nalguns casos, uma experiência singular.

Com efeito, o apoio que os Grupos de Acção Local (GAL) deram à publicação de um vasto e diversificado material, ao longo da execução dos três programas LEADER, resultou na existência de um número significativo de produtos que marcam memórias de um tempo, assinalam a riqueza das identidades e espaços sociais locais e, sobretudo, testemunham a opção dos GAL em valorizarem e promoverem os valores e singularidade do património rural, das suas gentes e das suas terras.

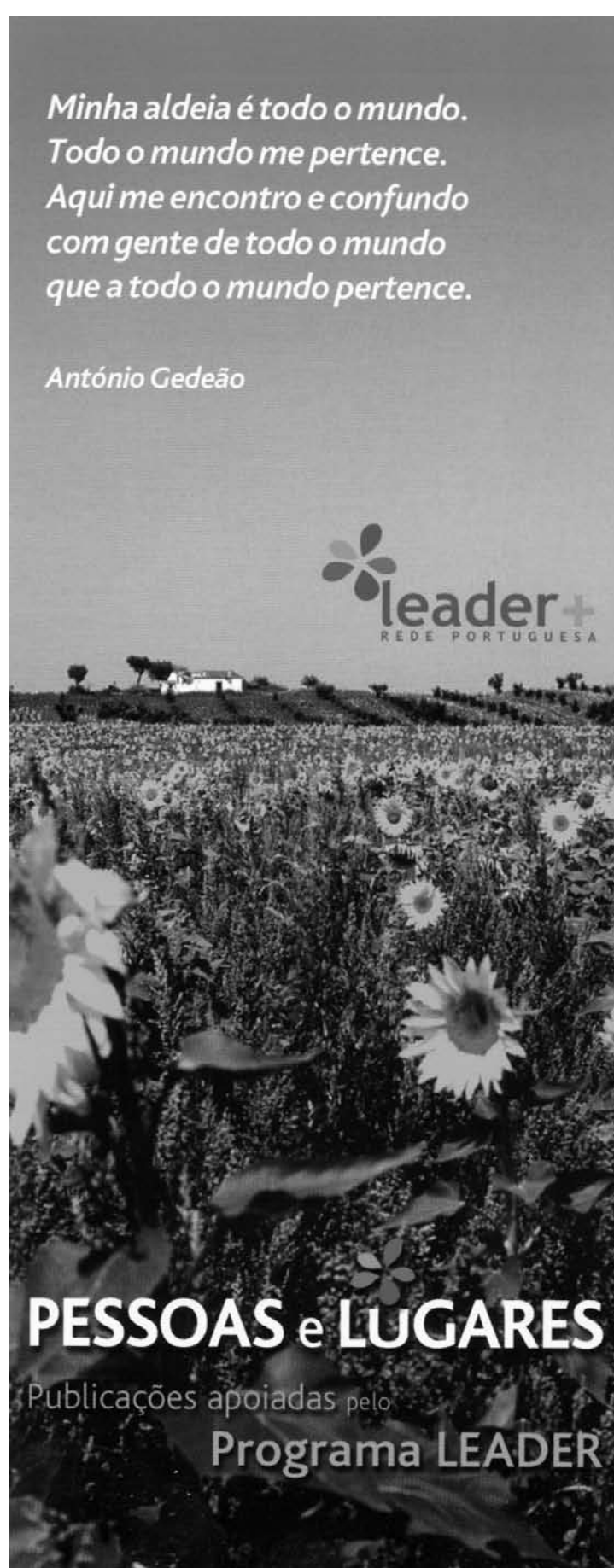
Nesta matéria, o apoio do LEADER à edição e divulgação de obras e materiais com interesse literário é um exemplo notável do muito que se tem feito nas zonas rurais de Portugal e da importância do trabalho regular destas associações na mobilização de recursos e vontades locais. A Direcção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural, através da Rede Portuguesa LEADER+, reconhecendo as virtualidades desta intervenção e querendo dar maior visibilidade a este trabalho, editou o livro “Pessoas e Lugares – publicações apoiadas pelo Programa LEADER”, no qual se destaca todo este acervo, de inigualável interesse e valor cultural e onde se assinala este magnífico espólio, que contempla a edição de livros, brochuras, CD, DVD e material diverso, totalizando mais de um milhar de títulos.

O livro a que aqui se faz referência está organizado em formato de catálogo e integra uma mostra das publicações apoiadas pelo programa LEADER, quer através dos GAL, quer de âmbito nacional. Embora a diversidade de temas seja tão significativa quanto a sua extensão, tocando aspectos que vão desde a literatura, o folclore, até à gastronomia e artesanato, muito mais importante é o facto de o programa LEADER ter dado visibilidade à(s) dinâmica(s) e cultura(s) locais, dando oportunidade a que pessoas ou grupos que, de outro modo, não teriam qualquer possibilidade financeira de partilhar o seu saber, a sua história ou mesmo o resultado dos seus estudos. Porque a literatura e a poesia populares mereceram um forte apoio editorial, por parte dos GAL, e porque somos um país de poetas, lembrámos alguns autores portugueses consagrados com a inclusão de excertos de poemas ao longo desta obra.

Criar competências, inventar soluções, construir o futuro: esta é a grande virtude da abordagem LEADER, deixando espaço para o detalhe, ajustando soluções que partem de uma pequena ideia e transformando-as num projecto de valor acrescentado para o local. Por isso, teve todo o sentido e pertinência o apoio dos GAL à literatura e à edição de materiais diversos, adequados aos interesses e particularidades locais.

**Maria do Rosário Serafim**  
Rede Portuguesa LEADER+

Direcção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural



Ana Paula Guimarães

# “Vale a pena olharmos para nós próprios”

“Professora aprendiza, porque ser professor é estar sempre no estatuto de quem aprende”, desde 1979, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e fundadora do Instituto de Estudos de Literatura Tradicional (IELT)<sup>1</sup>, deixa para trás a licenciatura em Filologia Germânica e o doutoramento em Estudos Literários – Literatura Tradicional Oral e vai defendendo a ideia de que “a tradição não é uma coisa estática”.

## O que se entende por literatura tradicional?

É muito difícil definir. O nosso trabalho é sobre um campo de saberes, e é muito importante acentuar a palavra campo, porque muitas vezes custa a considerar literatura (de *litera*, letra) uma vasta área de conhecimentos orais, que alguns estudiosos denominam, por essa mesma razão, de “oratura”. Trata-se de textos conhecidos de cor e tão próximos que não damos por eles. A literatura tradicional é uma forma arrumada e académica de classificarmos um conjunto de textos fixados pela memória e, por vezes, pela escrita, que vão desde o nome próprio de cada um de nós, até rezas, canções de trabalho e amor, contos, baladas, romances, pregões, teatro popular...

## Uma das grandes diferenças entre a literatura *stricto sensu* e a literatura tradicional é a diferença entre o que está e não está compilado. É um pouco como a diferença entre a história e a arqueologia?

Assemelha-se à arqueologia mas a boa metáfora para falar da literatura tradicional é a agricultura. Na agricultura, a semente está oculta dentro da terra, germina, sem ninguém dar por isso, e depois sai cá para fora um caule óptimo, uma flor lindíssima, um legume. Qualquer pessoa diz “que bonito!”, mas esquece a semente. Vou dar o exemplo do José Saramago, prémio Nobel, pessoa muito reputada, cuja obra, afinal, tem uma relação longínqua com provérbios tradicionais. Poucos pensarão estudar José Saramago e perceber onde está a raiz, talvez procurem alicerces. Por isso, mais do que com a arqueologia, a literatura tradicional tem a ver com raízes ocultas cuja seiva percorre o lado de dentro da planta. Em vez de olhar apenas o aspecto exterior, entrar dentro da planta. O que eu aprendi estudando literatura tradicional é que no contemporâneo tudo tem ancestralidade.

## Onde se inscreve a literatura tradicional no *corpus científico actual*?

Em praticamente tudo o que fazemos, temos de escrever textos; mesmo que sejamos médicos, temos de escrever receitas e relembro, a propósito, a edição do espólio de Michel Giacometti de Medicina Popular, a cargo do Instituto que tenho vindo a ‘dirigir’, e que associa práticas anónimas tradicionais a pareceres científicos de consagrados médicos especialistas.

O Instituto de Estudos de Literatura Tradicional (IELT) está inscrito em Estudos Literários, mas o que é fundamental é que, embora a literatura seja a “basezinha”, como dizia Eça de Queiroz falando do latim, o nosso instituto tem o grande mérito de ser um espaço de investigação trans- e interdisciplinar. Temos connosco – além de uma cardiologista, Ana Gomes de Almeida, responsável pela organização do referido livro – gente de artes plásticas, teatro, música, antropologia, e outras áreas aparentemente distantes, como biologia e ética ambiental. É muito importante percebermos que as disciplinas não são fechadas. A circulação, tal como se faz desde a raiz para a flor, faz-se entre os diversos campos de saber, ou melhor, saberes num mesmo campo.

## E quais são os principais objectivos do IELT?

Só posso aflorar os objectivos... Temos três grandes projectos: primeiro, “Cantos, contos e que mais...”, o projecto crucial do nosso instituto, uma vez que aposta em recolher e analisar os materiais da chamada litera-

tura tradicional<sup>2</sup>. Depois, temos o projecto “Tradição e Modernidade” que tem a ver, essencialmente, com a relação dos textos anónimos ou anonimizados da literatura tradicional com autores modernos e contemporâneos. Escritores assinam com o seu próprio nome obras nas quais se deixam contagiar por memórias. É muito interessante, as pessoas assinam restos de textos memorizados. Tomam como seus, nos seus trabalhos, textos que vêm não se sabe de onde, como provérbios, ditos e lengalengas. Temos outro projecto, “Falas da Terra”, que é o projecto interdisciplinar por excelência, que relaciona os textos tradicionais com o ambiente em que vivem, eles e nós. São como respigadores (filme de Agnès Varda, *Os Respigadores e a Respigadora*) as pessoas que andam no campo a apanhar pequenos restos daquilo que os grandes cultivaram e colheram<sup>3</sup>. Aqueles resíduos, vestígios de que poucos dão conta podem ser analisados por biólogos, sociólogos, éticos ambientais, poetas e gente de tantas outras artes e disciplinas. “Falas da Terra” é um trabalho ecológico, por excelência. Aliás, nasceu do livro que se intitula *Falas da Terra - Natureza e Ambiente na Tradição Popular Portuguesa*.

## Encontrei referências ao papel da literatura tradicional no reforço da auto-estima e identidade cultural portuguesa. De que forma se pode verificar?

Estamos habituados a estudar aquilo que está distante, que admiramos à distância, e acredito que valha a pena olharmos para nós próprios e estudarmos com um olhar humilde o nosso húmus... Temos um trauma grande com a literatura tradicional que é o facto de o Estado Novo ter promovido o nosso folclore para nos vender ao exterior e sobretudo a nós próprios. Mas aquele folclore não tem a ver com o *folklore*, designação da disciplina nos Estados Unidos, por exemplo. Vai mais longe que o conceito de literatura tradicional, é *folk-lore*, conhecimento do povo. E o povo não é apenas uma classe social, somos todos. Toda a gente sabe textos, matérias, tradições, práticas, de que não se apercebe. Por isso, vale a pena estudarmos aquilo que somos. Um pouco na perspectiva daquilo que disse o Eduardo Lourenço: “Nós éramos grandes mas éramos grandes longe”, com as navegações, com as descobertas. Mas também éramos grandes perto, só que não dávamos por isso. Porque aqui somos o Portugal dos pequeninos. Só que por detrás dos pequeninos... há grandes obras.

## Defende a importância do reconhecimento deste saber que circula discreto entre as pessoas, mas o que quer dizer com a necessidade de redimensionar o óbvio?

É preciso redimensionarmos o lado óbvio de tudo para todos. Por baixo do óbvio, se espreitarmos, há coisas espantosas. Esse sabor/saber da comida, por exemplo... A palavra sabor tem a ver com saber. Aquilo que sabemos tem afinal uma raiz etimológica que tem a ver com sabor, que é o *sapere*... A transição é feita do saborear para o ter gosto, ter capacidade de discriminar e ser sabedor. Isto é uma situação muito curiosa porque, no fundo, aquilo que saboreamos... por exemplo, a couve... comemos, saboreamos e separamos esse sabor do alimento das coisas imateriais que sabemos. Quem sabe? Se comêssemos uma variedade de elementos (mais ou menos biológicos) das culturas tradicionais, nós não saberíamos melhor e mais coisas do que se continuarmos mastigando hambúrgueres todos os dias? É óbvio. R.B. Onians, num trabalho intitulado *The origins of european thought: about the body, the mind, the soul, the world, time and fate*, escreve: “*sapere*, que é a etimologia destas duas palavras está

Estamos habituados a estudar aquilo que está distante, que admiramos à distância, e acredito que valha a pena olharmos para nós próprios e estudarmos com um olhar humilde o nosso húmus...



relacionado com *sapa*, que deve ter significado ciência, suco...” De facto, o paladar só pode ser estimulado por líquidos. As substâncias sólidas têm de ser dissolvidas na boca antes de ser saboreadas. Se *sapere* significou originalmente ter suco, sumo natural, tal corresponderá perfeitamente à relação que Gregos e Romanos estabeleciam entre inteligência e suco natural do peito: sangue, e o vapor exalado, a respiração. Estas etimologias ensinam imenso. Se as palavras nos mostrarem o seu lado ancestral, estamos a fazer dialogar o campo com o corpo. Estamos a fazer dialogar os nossos namoros com o lavrar da terra.

#### **Esta relação à terra tem-se perdido ou tem ficado, de alguma forma, camuflada?**

A pessoa julga que não a tem mas tem. Numa obra, *O voo do arado*, publicado pelo Museu Nacional de Etnologia, Benjamim Pereira, um grande estudioso destas áreas, cita Ferreira Lapa: “O estrume faz a cultura. A cultura o alimento. O alimento o homem. O homem a sociedade”. Em última instância, a sociedade tem a ver com o estrume. Quer dizer que há ligações que se cortaram entre o estrume e a sociedade. Também o parentesco entre o campo e o corpo aparece numa quadra que tem estes dois primeiros versos: “Eu sei fabricar cantigas / mesmo com o pó do chão”, versos de uma quadra que, uma vez passada à escrita (tal como com ela contactamos hoje em dia), remete para a etimologia: a palavra “verso” tem a ver com a lavra, significa “a volta que dava a charrua ao fim de cada sulco”. É escrevendo como os bois na lavoura, da esquerda para a direita e da direita para a esquerda. Que era o modo de escrita utilizado nas inscrições gregas antigas. Quando achamos que escrevemos porque somos cultos, esquecemos que esse culto tem a ver com a cultura agrária e tradicional. Há uma proximidade. O verso do poema significou, primeiramente, a volta que dava a charrua ao fim do sulco, depois o próprio sulco, depois, por metáfora, ganha o sentido de linha de escrita, que finalmente se especializou na linha escrita em poesia... Isto vem no dicionário de literatura... Temos de ir à procura, para ver como é que a escrita está, afinal, ligada à lavoura...

#### **É delicada a linha que separa a tradição da modernidade?**

Exactamente. Por exemplo, Saramago, em 2002, escreve a Helena Vaz Duarte e diz-lhe ao ler a sua tese de mestrado, depois publicada em

livro, *Os provérbios na obra de José Saramago*: “Estou a chegar à conclusão que sem a bengala dos provérbios não teria chegado a ser escritor.” Se realmente foi assim, quer dizer que também ela o leva a concluir: “Razão tinha eu quando disse que o homem mais sábio do Mundo era o meu avô, o tal que não sabia ler nem escrever. Uma curiosidade: Já se fez antes algum estudo semelhante da obra de outros autores portugueses. Ou eu sou um caso único e nunca visto?”

#### **Acha que na actuação das associações de desenvolvimento local a literatura tradicional pode ter um lugar nos projectos e nos territórios?**

É fundamental. Porque o dinheiro não é nada sem cultura. Como disse há pouco: o estrume gera a sociedade, através da cultura e do alimento. Acho que não se pode imaginar uma sociedade enriquecida, sem reparar naquilo que tem à mão, que é a sua cultura. Isto é fundamental. A agricultura tem a ver com a Cultura com maiúscula. E se Cultura tem maiúscula, não percebo porque é que a Agricultura não há-de ter maiúscula. Para mim, as duas deviam ter maiúscula. Acho que a recolha do processo de amanhara a terra deve ser associada à canção que se cantava quando se amanhava a terra. Se trabalharmos juntos, vamos trabalhar melhor. A nossa ideia é que algumas pessoas comecem por contar e cantar para que eles próprios e outros aprendam e recordem e transmitam de voz em voz, recontando histórias, que é importante conhecer nem que seja à noite, para que nos conheçamos melhor por dentro e por fora.

#### **Existe também uma curiosa relação de proximidade entre a literatura tradicional e a literatura infantil-juvenil. Pelo menos, mais evidente...**

Essa relação está em muitas obras de muitos escritores, como nós próprios, investigadores, temos vindo a perceber. Em Almada Negreiros, Fernando Pessoa, José Saramago, Manuel da Fonseca, Mário de Carvalho, Teresa Rita Lopes... apenas alguns exemplos. Há também literatura tradicional impregnando textos de literatura infantil. Mas, atenção, há textos de literatura infantil(izada) que amputam feições notáveis da literatura tradicional, ‘ingenuizando’ complexidades como se os mais pequenos não soubessem lidar com grandes problemas, monstros e gigantes, os quais nós, os maiores, continuamos a temer...

Entrevista e fotografia de **João Limão**

<sup>1</sup> [www.elt.org](http://www.elt.org)

<sup>2</sup> [www.memoriamedia.net](http://www.memoriamedia.net)

<sup>3</sup> [www.grandepequeno.com](http://www.grandepequeno.com)

# As Terras de Basto na literatura: Camilo e Sá de Miranda

Terras de antigas origens e de fortes tradições, as Terras de Basto influenciaram a vida e obra de dois dos maiores escritores portugueses. Camilo Castelo Branco, escritor do século XIX, foi precursor do romance na Península Ibérica. Francisco Sá de Miranda, poeta do século XVI, introduziu o Renascimento Literário em Portugal. Ambos passaram pelos concelhos de Basto e os deixaram na sua obra.



## Camilo e as Terras de Basto

*“Os fidalgos de terras de Basto vão-se acabando. Tenho pena e saudades, aqui há trinta anos, com os brasões e apelidos das famílias heráldicas de entre Vizela e Tâmega recompunha-se a história lendária de Portugal.”*

(«O filho natural», in *Novelas do Minho*)

A ligação de Camilo com as Terras de Basto tem uma duração breve mas que marca definitivamente a sua vida, facto que se reflectiu na sua literatura ao ponto de ser um dos maiores divulgadores da região e suas tradições.

## As Terras de Basto no século XIX

Na época em que Camilo passou por estas paragens (1840-1843), a estrutura administrativa nas Terras de Basto era muito diferente. Aos quatro concelhos actuais juntavam-se Cerva (hoje no concelho de Ribeira de Pena), Atei e Ermelo (hoje ambos no concelho de Mondim de Basto), e os limites da região tinham, em algumas freguesias, um traçado diferente. A importância dos mosteiros de São Miguel de Refojos, outrora o mais rico do Minho, e de São João de Arnóia perdera-se com a extinção das ordens religiosas em 1834. É uma época de grande ligação com o Brasil para onde muitos emigram, garantindo a riqueza da região.

## A passagem de Camilo por Ribeira de Pena

Nascido em Lisboa, órfão de pai e mãe com apenas 10 anos de idade, Camilo acaba em Trás-os-Montes, primeiro em Vila Real ao cuidado de sua tia, depois em Vilarinho da Samardã onde casara sua irmã. O seu cunhado, médico, anima-o a estudar medicina pelo que começa a estudar com o Pe António de Azevedo, irmão de seu cunhado. O prosseguimento dos estudos conduziu Camilo à Granja Velha (freguesia de Santa Marinha) onde morava o padre-mestre Manuel Rodrigues, mais conhecido por Manuel da Lixa, reconhecido como grande latinista. Por este motivo, em 1840 Camilo deixa a casa da irmã para se alojar na Casa do Moreira, situada em Friúme, onde casara sua prima Maria do Loreto.

*“Fui daquela terra para outra, onde vivia um mestre de latim, sujeito de não vulgar lição, pregador de fama e bom velho sobretudo.”*

(Ao anoitecer da vida)

Assim, com cerca de 15 anos Camilo vem para Friúme, povoação junto ao Tâmega no concelho de Ribeira de Pena, à época de grande importância comercial. Aí conhece Joaquina Pereira de França, filha de um comerciante de Gondomar que, fugido ao Cerco do Porto, se estabelecera nesta povoação. Com Joaquina acaba por casar na Igreja do Salvador (Ribeira de Pena) em 1841, ele com 16 anos, ela com 14, casamento de que resultará uma filha, Rosa, que ele nunca conhecerá. Este casamento deu a Camilo liberdades que antes não possuía e deu-lhe ainda acesso à herança a que tinha direito por morte de seu pai. Camilo vive então com a sua esposa numa casa junto à de sua prima, que é hoje o edifício mais emblemático da povoação. Além das aulas com o Padre Manuel na Granja Velha, foi ainda amanuense do tabelião José de Mesquita Chaves na povoação onde residia e onde aprendeu a jogar às damas e ao gamão com o boticário Macário Afonso.

*“Macário saiu de Celorico de Basto e foi administrar outra farmácia de uma viúva, dali quatro léguas, onde eu estudava latim. Ali o conheci. Teria cinquenta anos. Foi meu mestre de gamão e de damas.”*

(«O filho natural», in *Novelas do Minho*)

No ano a seguir ao do seu casamento, sob o pretexto da ameaça de um “morgado visigótico”, Camilo abandona Ribeira de Pena, Joaquina, Rosa e as Terras de Basto para não voltar. A prisão do casamento, a pressão do sogro para seguir os estudos (que nunca viria a terminar) e o desejo liberdade terão pesado na sua decisão.

*“Naquela terra andavam às más dois irmãos de fidalga prosápia, à conta do casamento desigual que um deles intentava fazer contra a vontade do mais velho. Por parte dos sequazes deste me foram pedidos uns versos em que a noiva menos fidalga e o apaixonado mancebo fossem chanceados à conta de não me lembra que antecederias muito ajeitadas à galhofa métrica. Deu-me soberbas uma incumbência deste género! Poeta e demais a mais requisitado para intervir com minha opinião em casamento tão falado nas vinte aldeias circumpostas! Escrevi uma folha de almaço em quadras, que os interessados na publicidade afixaram na porta da igreja, momentos antes da missa das onze horas. O boticário, que seguia as partes do morgado, lia a sátira à população, que ria às escâncaras. E eu de lado a rever-me na obra e a saborear-me nas alvares cascalhadas do gentio!*

*Por um cabelo que não fui então mártir do génio! A vítima crucificada na porta da igreja não era das que dizem: “Senhor, perdoai ao poeta que não sabe as asneiras que diz!”*

*Apenas lhe constou que era eu o instrumento da vingança de seu irmão, preferiu quebrar o instrumento, e deixar não só o fidalgo, que também o boticário em paz. Poeta era eu só naquela quadra de dez léguas; avisadamente conjecturou o homem que, esganando a musa que o verberara, abafaria aquele respiráculo de detracção inimiga. O padre-mestre avisou-me horas antes da espera e da sepultura. Fugi com o magnum lexicon debaixo do braço, e com os ossos direitos que aquela terra ingrata me queria comer.”*

(Ao anoitecer da vida)

## As Terras de Basto na literatura camiliana

Neste curto período em que viveu em Friúme, Camilo aproveitou o seu tempo para percorrer as redondezas pelas terras de Basto, pescando,





Alto da Sr.ª da Graça/Basto



Igreja do Salvador, Ribeira de Pena/Basto



Casa de Camilo em Friol/Basto



Capela da Sr.ª da Guia/Basto



"Porta" da Casa do Barroso, Bragadas/Basto



Capela da Casa da Talpa/Basto

caçando, namoriscando e divertindo-se. Embora na altura ainda não escrevesse, essas vivências marcam-no para sempre, descrevendo cenários e personagens nos principais enredos das suas obras, sendo visível a presença de Joaquina em personagens como Josefa, Mariana ou Tomásia. Ribeira de Pena é cenário de vários dos seus contos como “Maria Moisés”, da obra “Novelas do Minho”, o sexto de “Doze Casamentos Felizes” e a “História de Uma Porta” contada na obra “Noites de Lamego” além das referências ribeirapenses em muitas outras obras.

*“O caseiro atravessou o campo de hortas e pomares na extrema do qual estava a casa nobre, onde os fidalgos de Santa Eulália costumavam passar o estio para se banharem no Tâmega.*

*Esta família era do Arco de Baúlhe, gente nobre antiga.*

*E (António de Queirós Meneses) perguntou pelos amigos da mocidade; eram todos mortos, exceptuando Fernandos Gonçalves Penha, da Casa da Temporã, aquele que, a seu pedido, enviara a astuta caseira a Santo Aleixo com o recado de fuga.*

*Chegando à ourela do Tâmega, parou defronte da Ínsua. Era ali que Josefa esperava o juvenil aspirante, embrenhada no choupal. (...) Nesse lugar estava uma azenha, com uma barca de passagem amarrada a uma argola de pedra chumbada na parede”*

**(«Maria Moisés», in Novelas do Minho)**

*“Entretanto, abrem-se as linhas do Porto, vencem as ideias liberais de Bernardo Pires, o corregedor de Vila Real é espingardeado, e os parentes do fugitivo correm a Ribeira de Pena para o levarem em triunfo para a sua terra. (...) Era num dia de Agosto, romagem da Senhora da Guia, cuja Capela alveja na chã que se aplanar na quebrada da serra do Alvão. Teresa foi lá cumprir a promessa das vinte voltas de joelhos em redor da capela. Com ela foram o irmão, e Bernardo, e parentes e amigos deste, entre os quais estava um padre.”*

**(Doze Casamentos Felizes)**

*“Fui a uma aldeia, pendurada de uns rochedos de Barroso. Bragadas era o seu nome. Chamavam-me ali as trutas do rio Beça, as maiores trutas dos córregos riquíssimos de Portugal. (...)*

*-Quem me dá agasalho nesta povoação? – perguntei ao pegureiro informador.*

*- Quem quer lhe dá agasalho.*

*- Mas onde hei-de eu ir bater?*

*- Vá vocemecê por esse quinchoso abaixo; lá ao todo fundo carregue à sua esquerda, salte um portelo que não tem que errar. Vocemecê vai rebentar mesmo à porta do tio Barroso.*

*(...)*

*Rebentei pois à porta... À porta? Hei-de eu chamar porta a isto? Era o lavor mais primoroso que meus olhos tinham visto.*

*(...)*

*A ceia era um caldo de castanhas piladas, bem adubadas de tocinho, e tocinho bem assazado de batatas, a que lá chamam castanholas.”*

**(«História de uma Porta», in Noites de Lamego)**

Mas não é só Ribeira de Pena a terra de Basto que merece a atenção do escritor. Celorico é referenciado em “O filho natural” e Cabeceiras é referenciada em “A Bruxa de Monte Córdova” e na obra “Noites de Lamego”.

*“O capitão-mor de Cabeceiras de Basto morria por ela.*

*Dois frades bentos de S. Miguel de Refojos andavam como energúmenos desde que a lobrigaram na igreja.*

*O juiz ordinário, o alferes Milícias, o juiz dos órfãos, o escrivão das Sisas, o boticário e o mestre-escola farejavam-na, tanto à inveja, que a rapariga, quando eles, um por cada vez, se lhe faziam encontradiços, resmoneava, formando com os dedos uma figa oculta:*

*- Eu tarenego, diabo!*

*E apertava o passo com os olhos no chão e o credo na boca.”*

**(A Bruxa de Monte Córdova)**

Mas verdadeiro conto de Basto é “Como ela o amava!” inserido na obra “Noites de Lamego”, onde aparecem personagens de Ribeira de Pena, Cabeceiras e Mondim. Este conto toma por cenário a romaria de São Bartolomeu e a ponte de Cavez, descrevendo não só a romaria, hoje ainda muito semelhante, como também uma das rusgas que opunham nesta ponte os valentes de ambos os lados do Tâmega e que nos retratam as origens do tradicional jogo do pau.

*“Aos 24 de Agosto, na povoação chamada Cavez, cuja ponte, sobre o Tâmega, extrema pelo norte as duas províncias do Minho e Trás-os-Montes, celebra-se a festa de S. Bartolomeu, santo gravemente infesto a Satanás. Vêm aqui, de muitas léguas em volta, dezenas de criaturas obsessas. É para notar que raro homem ali vá incubado de demónio. As mulheres é que, por cima de muitas outras penas, sofrem o dissabor de serem visitadas pelos espíritos infernais, caso único, a meu ver, em que os sobreditos espíritos se mostram espirituosos.*

*(...)*

*Mas, enfiando outra vez o conto, gentis mocetonas eram aquelas energúmenas que eu vi na Igreja de Cavez, em 1842. Há que anos isto vai!... Naquele tempo, até as mulheres com espírito ruim me pareciam boas.*

*(...)*

*Na aldeia, onde eu então estudava latim, correu a nova de se terem desafiado para a romagem de S. Bartolomeu os valentes de dois concelhos inimigos, desde muito enrixados e apzados para ali. Um morgado, meu vizinho, de nome José Pacheco de Andrade, filho do antigo capitão-mor de Basto, Serafim dos Anjos Pacheco de Andrade, oito dias antes, mandara demolhar em poças um braçado de paus de carvalho, com o fim de lhes dar elastério, e cingirem-se melhor com as costas das vítimas. Estes preparatórios aqueciam-me o ânimo belicoso, posto que os chibantes da terra avisadamente se rissem dos meus quinze anos.*

*Por nove horas da noite do dia 23, saímos em malta a caminho da ponte de Cavez uma légua distante. Por volta de onze horas, fizemos alta numa aldeia, chamada Arosa, convizinha dos montados por onde se estendia o arraial. Ali, reuniu-se connosco uma estúrdia, que vinha dos lados de Cerva, e nesta os mais graúdos brigões da comarca, homicidas igualmente impunes que arrogantes, e espécie de barões feudais, a cujas barbacãs não ousavam chegar as justiças d’el-rei.*

*(...)*

*Fui direito à igreja observar a luta de S. Bartolomeu com o diabo. Era isto principalmente que me chamava.*

*Quando cheguei, vi simplesmente cinco demoníacos, agarrados por cinquenta braços de pujantes barrosões, enquanto o santo, de bom tamanho e de pedra, era levado da cabeça de uma para a das outras energúmenas. O demónio rabiava nelas desenhabreadamente, quando o milagroso granito lhes pesava. O padre, levantava a voz também enfurecido, e insultava desabridamente o inimigo do género humano, obrigando-o a ir esconder a sua derrota nas profundezas do inferno. As raparigas desincubadas caíam sem forças no regaço das mães chorosas, arquejavam, iam-se a pouco e pouco restaurando, e erguiam-se afinal sãs, para irem depor no altar do santo o voto, e rodearem sobre joelhos a igreja.*

*Disseram-me que, passadas algumas semanas, todas estas moças casavam com os sujeitos que o demónio respectivo de cada uma*

*tinha declarado.  
Que officio adopta o demónio, às vezes!... Assim mesmo, é o mais  
útil que eu lhe conheço.”*

(«Como ela o Amava!», in *Noites de Lamego*)

O Roteiro Camiliano em Ribeira de Pena

Criado por Francisco Botelho, o Roteiro Camiliano em Ribeira de Pena é um roteiro cultural com sete locais de visita directamente ligados ao escritor e suas obras, que se encontram espalhados pelos concelhos de Ribeira de Pena e, no caso da Ponte de Cavez, de Cabeceiras de Basto. Apresenta-se, por isso mesmo, como o roteiro da ligação de Camilo com as Terras de Basto e pode ser percorrido com o apoio do guia de visita fornecido pela Câmara Municipal.

Sá de Miranda e as Terras de Basto

Ao contrário de Camilo, que viveu em Ribeira de Pena, Francisco Sá de Miranda teve menor ligação com as terras de Basto, ligação que se limitou a Cabeceiras de Basto. Natural de Coimbra, onde nasce em 1481, doutor em Direito pela Universidade então estabelecida em Lisboa, frequentador e trovador da corte, a sua viagem por Itália e Espanha permitem-lhe conhecer as novas formas literárias do Renascimento que introduz em Portugal. Após o regresso, a sua desadequação com as intrigas da corte levam-no a abandoná-la e a retirar-se para o Minho. O seu casamento com uma fidalga minhota e a comenda de Duas Igrejas que o rei D. João III, seu amigo pessoal, lhe atribui conduzem o poeta até ao concelho de Amares onde fixará residência definitiva, primeiro em Duas Igrejas, junto ao Neiva, que caracteriza a fase mais produtiva e feliz do poeta, depois na Quinta da Tapada na fase final da sua vida. A proximidade de Amares com Cabeceiras de Basto, a fidalguia cabeceirense, a importância do mosteiro de S. Miguel de Refojos e a história de D. Nuno Álvares Pereira terão cativado a proximidade com este concelho que culmina com o casamento de seu filho na Casa da Taipá, ainda por ele contratado e que se realiza já após a sua morte. Desta ligação ficou a “Carta a Dom António Pereira, Senhor de Basto”, e a écloga “Basto”, dedicada ao Condestável e cujo título provém, tudo indica, desta região.

As Terras de Basto no século XVI

A época em que viveu Sá de Miranda é uma época de alterações administrativas na região de Basto. No início do século existiam os concelhos de Pena (Ribeira de Pena), com foral de D. Afonso IV (1331), Mondim e Ermelo (1196), ambos com foral de D. Sancho I. Com a política dos forais novos de D. Manuel I, não só são renovados os forais de Mondim (1514) e Pena (1517), como são concedidos forais a Cabeceiras (1514), Cerva (1514), Atei (1514) e Celorico (1520) e a criação dos respectivos concelhos. É a época áurea da expansão portuguesa que leva muitos à aventura do ultramar em busca de riqueza, o que permite a construção de algumas capelas e casas brasonadas da região. É também provável, na primeira metade do século, a construção de uma ermida antecessora do Santuário de Nossa Sr.<sup>a</sup> da Graça.

As Terras de Basto na literatura de Sá de Miranda

A ligação do poeta com Cabeceiras de Basto é visível em duas das suas obras. A primeira é a carta “A António Pereira Senhor de Basto, quando se partiu para a corte co’a casa toda” e começa da seguinte forma:

*“Como eu vi correr pardaus  
Por Cabeceiras de Basto,  
Crecerem cercas e o gosto,  
Vi, por caminhos tão maus,  
Tal trilha e tamanho rasto,*

*Logo os meus olhos ergui  
À casa antiga e à torre,  
E disse comigo assi:  
Se Deus não vai mal aqui,  
Perigoso imigo corre.*

*Não me temo de Castela,  
Donde inda guerra não soa,  
Mas temo-me de Lisboa  
Que, ao cheiro desta canela,  
O Reino nos despovoa.”*

Nesta carta, dirigida ao fidalgo que troca sua casa pela corte em busca de riqueza e glória, o poeta deixa conselhos de alguém que conhece ambas as realidades, realçando os valores antigos, o gosto pelo campo longe da mesquinha vida da corte e a ligação do homem à terra, não faltando a sua arrojada crítica aos novos hábitos.

*“Todavia há diferenças  
Entre o de cá e o de lá:  
Cá, nas mais das desavenças,  
Éreis mestre das sentenças;  
Para ond’is outrem as dá.”  
(...)  
“Dos vossos nobres avós  
As cruzes em sangue abertas  
Vos põem obrigações certas  
Que não as deixeis cá sós,  
A ser do musgo cobertas.*

*O que porém não dirão  
Em quanto cá tem tal feira,  
Como é a de tal irmão,  
Que não houve o nome em vão  
De Nuno Álvares Pereira.”*

E conclui...

*“Lembro-vos as vossas frutas,  
Lembro-vos as vossas truitas,  
Que andam já por vossas n’água.”*

Entretanto, utiliza o rural dia-a-dia em Cabeceiras como exemplos de pureza e virtude.

*“A vossa fonte tão fria  
Da Barroca, em Julho e Agosto,  
Inda me é presente o gosto!  
Quão bem que nos i sabia  
Quanto na mesa era posto!*

*Ali não mordía a graça,  
Eram iguais os juízes.  
Não vinha nada da praça:  
Ali da vossa cachaça.  
Ali das vossas perdizes.”*

Na écloga “Basto”, a mais extensa composição de Sá de Miranda com grande carácter moralista, é apresentada uma discussão entre dois pastores, um extrovertido e social que segue os costumes, outro introvertido e individualista que procura a liberdade na solidão e onde se personifica. A única ligação com Cabeceiras é a sua dedicatória a Nuno Álvares Pereira, o bravo senhor das Terras de Basto, que justifica o título.

Emanuel Guimarães  
Câmara Municipal de Ribeira de Pena

**Bibliografia:**  
A *Enciclopédia*, Editorial Verbo, [Lisboa], 2004. Vols. 4º (2004), 5º (2004), 14º (2004), 17º (2004), 18º (2004). | Bastos, Hélder [et al], *História das Freguesias e Concelhos de Portugal*, QuidNovi, Matosinhos, 2004. Vols. 4 (cop. 2004), 5 (cop. 2004), 11 (cop. 2004) e 15 (cop. 2004). | Botelho, Francisco, *Roteiro Camiliano em Ribeira de Pena: Fichas de Visita*, Câmara Municipal de Ribeira de Pena, 2005. | Castelo Branco, Camilo, *A Bruxa do Monte Córdova*, Círculo de Leitores, Lisboa, imp. 1982. | Castelo Branco, Camilo, *Ao anoitecer da vida*, Publicações Europa-América, Mem Martins, 1999. | Castelo Branco, Camilo, *Contos Ribeirapenenses de Camilo: Como ela o amava!, História de uma porta, Sexto casamento feliz*. Câmara Municipal de Ribeira de Pena, 1990. | Castelo Branco, Camilo, *Novelas do Minho II: Gracejos que matam, O comendador, O cego de Landim, A morgada de Romariz, O filho natural*, Publicações Europa-América, Mem Martins, 19---. | Castro, Aníbal Pinto de e Oliveira, José Manuel de, *Viajar com... Camilo Castelo Branco*, Delegação Regional da Cultura do Norte; Caixotim, D.L. 2005. | Cruz, Maria do Carmo e Magalhães, José Edmundo, *Ribeira de Pena: Monografia do Concelho*, Câmara Municipal de Ribeira de Pena, 1995. | Garcia, Alexandre M., *Poesia de Sá de Miranda*, Editorial Comunicação, Lisboa, 1984. | *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Editorial Enciclopédia, Lisboa; Rio de Janeiro, 195-/ . Vols. 5º (19--), 6º (19--), 17º (10--), 25º (19--) e 26º (19--).

**Documentos Electrónicos**  
*Diciopédia 2005*, Porto Editora Multimédia, Porto, 2004.





**Entre o Minho e Trás-os-Montes, entre o noroeste Atlântico e o nordeste Transmontano, envolvido a norte pela serra da Cabreira, a leste pelas serras do Marão e Alvão, a sul pelo vale do Tâmega e a Oeste pelas serras da Queimada e Infesta, as Terras de Basto: quatro concelhos, 54 freguesias.**

Um território partilhado entre dois distritos: Braga integra Cabeceiras de Basto e Celorico de Basto, Vila Real tem Ribeira de Pena e Mondim de Basto. Quem diz dois distritos, também diz duas realidades geográficas, determinantes no nosso país, onde a proximidade do litoral e o isolamento do interior marcam os níveis de desenvolvimento e não só. Apesar de muitos núcleos urbanos do norte do país, serem relativamente vizinhos das Terras de Basto, a escassez de boas vias de acesso impõe o afastamento.

#### População

Os concelhos ocidentais de Cabeceiras e Celorico de Basto apresentam maiores níveis populacionais, o que coincide, curiosamente, com um maior número de freguesias. Assim, segundo dados de 2006 do Instituto Nacional de Estatísticas (INE), Cabeceiras de Basto e Celorico de Basto somam respetivamente 17.744 habitantes para 17 freguesias e 19.986 habitantes para 21 freguesias. Do lado oriental, contam-se sete freguesias com 7.157 habitantes em Ribeira de Pena e oito freguesias com 8.393 habitantes em Mondim de Basto. Juntos estes dois últimos territórios, pouco mais pequenos em superfície, somam uma população inferior a qualquer um dos dois primeiros. Em área e densidade populacional os números também são reveladores. Cabeceiras de Basto com uma área de 241,8 km<sup>2</sup> apresenta em 2006 uma densidade populacional de 73,4 habitantes/km<sup>2</sup>; Celorico de Basto com 181,1 km<sup>2</sup>, tem 110,4 habitantes/km<sup>2</sup>; Mondim de Basto com 172,1 km<sup>2</sup>, tem 48,8 habitantes/km<sup>2</sup>; Ribeira de Pena com 217,5 km<sup>2</sup>, tem 32,9 habitantes/km<sup>2</sup>.

De acordo com a variação populacional, entre os censos de 1981 e 2001 verificamos que Ribeira de Pena foi o município que viu a sua densidade

populacional mais diminuir com -15,6 por cento; seguido de Celorico de Basto -12,2; Mondim de Basto -7,7 e Cabeceiras de Basto -4,8. Entre 1960 e 2001, Ribeira de Pena perdeu 44 por cento da sua população, enquanto o território como um todo via partir 20 por cento dos seus habitantes. A consequência directa desta evolução negativa é confirmada no elevado índice de envelhecimento populacional, complementado com enormes dificuldades de renovação geracional, colocando assim em risco o crescimento demográfico da região.

Em 1970 a população idosa representava 9,1 por cento da população residente, enquanto que em 2001 duplicava para os 18,8 por cento. Apontam-se aqui três motivos para o envelhecimento demográfico da região de Basto: a estagnação das taxas de mortalidade, a diminuição das taxas de natalidade e os intensos fluxos migratórios para fora da região. De facto, durante a década de 80, registaram-se os maiores valores de emigração na região de Basto, tendo afectado sobretudo as camadas da população activa e em idade fértil. Os diferentes municípios da região de Basto sofrem de um enorme efeito de atracção populacional gerado pelos concelhos vizinhos, principalmente os municípios de Celorico de Basto e Cabeceiras de Basto.

Os 811,51 km<sup>2</sup> da região de Basto são Áreas Predominantemente Rurais (APR), à excepção de Celorico de Basto, onde prevalecem as Áreas Medianamente Urbanas (AMU). Existe aqui como noutros territórios uma tendência geral para a terciarização do emprego. Apesar desse desvio, a mão-de-obra caracteriza-se pela falta de qualificações e baixos níveis de habilitações. Neste quadro negativo, há que destacar a taxa de analfabetismo, cuja média de 17,7 por cento em 2001 é superior à da região Norte e do Tâmega. Estes números contêm em si uma das explicações para um dinamismo empresarial débil, consubstanciado pelo número elevado da população sem actividade económica que atinge valores na ordem dos 44,3 por cento.

#### Agricultura

A par da forte diminuição, ao longo dos anos, da Superfície Agrícola Utilizada (SAU), do número de explorações agrícolas e da população agrícola, estamos perante mais de 60 por cento de produtores, geralmente pequenos, com mais de 55 anos, enquanto que os jovens agricultores (idade inferior a 40 anos) representam cerca de 12 por cento. Ademais no universo inteiro dos produtores agrícolas, 95 por cento não possui mais do que o 9º ano de



escolaridade e cerca de 40 por cento não tem qualquer grau de instrução. Neste contexto o agricultor não tem outra saída senão virar-se para a pluriactividade, facilitada por actividades agrícolas pouco intensivas em termos laborais. Assim, em área utilizada por tipo de cultura as matas e florestas e as pastagens permanentes surgem como predominantes. Localmente, em regime de culturas permanentes, registam-se por ordem decrescente os prados e pastagens, a vinha e o olival.

Os concelhos das Terras de Basto são uma sub-região vitícola da Região dos Vinhos Verdes denominada sub-região de Basto. Em termos relativos, Basto produz 11 por cento do total de Região de Vinhos Verdes. Celorico de Basto é responsável por 50 por cento da produção total, Mondim de Basto por 22 por cento, Cabeceiras de Basto por 19 por cento e Ribeira de Pena por nove por cento. Perante uma certa diminuição de explorações e produtores, a aposta na produção de vinho mantém-se. O olival perdeu 65 por cento da sua área, principalmente em Cabeceiras de Basto e Ribeira de Pena, enquanto Celorico de Basto resiste, não baixando os níveis de produção.

As principais culturas temporárias são os cereais e as leguminosas secas para grão, os prados temporários, as culturas forrageiras, a batata e a horta familiar. As terras aráveis, ocupadas por pequenas hortas familiares, são características da região e testemunhos do modo de vida precário de muitas famílias que encontram neste recurso a sua única forma de subsistência.

A sombra da Serra do Marão-Alvão, os concelhos orientais de Mondim de Basto e Ribeira de Pena são os municípios com maior área florestal. As principais fileiras produtivas destas florestas são o Pinheiro Bravo e o Eucalipto. Mas quem diz florestas, também diz incêndios! E, curiosamente, o concelho com menor área florestal, Cabeceiras de Basto foi também o concelho com maior área total ardida, enquanto que Mondim de Basto, por sua vez o concelho com maior área florestal, foi o município com menor área total ardida.

Vastos espaços desocupados e abertos cedem o lugar a um maior desenvolvimento agro-florestal e pecuário. Falar em pecuária nas Terras de Basto é falar, principalmente, no *ex-libris* da gastronomia local: a carne maronesa. É precisamente, em Ribeira de Pena e Mondim de Basto que vive o maior efectivo maronês do território. Mas há mais raças autóctones para alimentar as idiosincrasias do território. Assim, os cavalos da raça Garrana, os bovinos da raça Barrosã, a Cabra serrana e bravia, os ovinos da raça Bordaleira e o porco da raça autóctone Bísaro são valores seguros. Ainda mais quando são reconhecidos com o selo da denominação de origem protegida (DOP) como já é o caso da carne barrosã, maronesa e bísara.

## Economia

O crescimento dos sectores secundários e terciários caracteriza-se pelo crescimento do número de empresas, principalmente da construção civil e comércio por grosso e a retalho. Em contrapartida, a agricultura e as indústrias transformadoras representam um peso económico cada vez mais reduzido. Olhando para o factor emprego, a construção civil é o maior empregador, seguido ainda das indústrias transformadoras (alimentar, bebidas e tabaco, têxtil, couro e produtos do couro, madeira e cortiça, fabrico de outros produtos minerais não metálicos e metalúrgica de base e de produtos metálicos).

Se a agricultura como sector económico pertence cada vez mais a uma realidade inscrita no passado, num futuro próximo haverá que recuperar a imagética da rusticidade e apostar na equação “isolamento = preservação” para esboçar uma perspectiva de desenvolvimento possível. Com base nas excelentes condições naturais, paisagísticas e culturais, patrimoniais, o sector económico do turismo avista-se como uma saída promissora. Mas antes de conquistar o título de pólo de desenvolvimento turístico, a região de Basto terá que ultrapassar algumas deficiências iniciais, nomeadamente em termos de alojamentos e de aproveitamento puro e simples do potencial turístico oferecido pelo património histórico-cultural, natural e paisagístico.

## Natureza

Em termos de recursos e valores naturais paisagísticos, é notória a diversidade faunística e habitats naturais propícias à biodiversidade. A diversidade de ecossistemas existentes (Florestas: carvalhais, pinhais; Matos; Zonas

## Em homenagem ao Francisco Botelho

Já se passou algum tempo, mas um grande espírito nunca se esquece...

Francisco Botelho – que sempre manteve uma ligação estreita à PROBASTO – iria colaborar connosco neste número do *Pessoas e Lugares* destinado às Terras de Basto – um lugar onde sabemos que era o seu refúgio e onde preserva muitas memórias. Sem dúvida que, tratando-se de um tema que lhe era tão grato, o conteúdo seria muito mais rico com o seu contributo. Da nossa parte, continuaremos o nosso trabalho de valorização do território através do olhar e da sensibilidade que ele deixou.

Queremos aproveitar esta oportunidade para expressar a nossa saudade e homenageá-lo porquanto se deu a esta instituição.

Os colegas da Probasto: os “novos” e os da “velha guarda”.

### Zona de Intervenção LEADER+



agrícolas; Lameiros e Rios e Ribeiras), constituem um importante e fundamental local de abrigo, alimentação e sobrevivência para todas as espécies faunísticas referenciadas.

Entre maciços montanhosos, florestas bastas, esprraiam-se vales generosos e insinuam-se cursos de água amiúde. As bacias do Tâmega, do Ave, do Cávado e do Douro constituem as principais redes hidrográficas dos quatro concelhos. Nas florestas predominam os carvalhais de Carvalho-alvarinho, associados, às vezes, com Sobreiros ou com Carvalho-negral. A riqueza do património e da paisagem natural é reconhecida e por isso objecto de protecção. Assim, o Parque Natural do Alvão que entra a Sul por Ribeira de Pena e Mondim de Basto adentro é, desde 1983, classificado pelo Decreto-Lei n.º 237/83 de 8 de Junho como Área Protegida (AP), pertencente à Rede Nacional de Áreas Protegidas. O Alvão que também está contemplado pela Rede Natura 2000 é Área Importante para Aves (IBA – Important Bird Area), assim designada pela Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves/Birdlife International. Ainda segundo a Birdlife International, a IBA das Serras do Alvão e Marão é sítio prioritário a nível mundial para a conservação de aves. Aliás, enquanto “sítio”, o Alvão-Marão é reconhecido como Zona Especial de Conservação, ou seja, “um sítio de importância comunitária no território nacional em que são aplicadas as medidas necessárias para a manutenção ou o restabelecimento do estado de conservação favorável dos habitats naturais ou das populações das espécies para as quais o sítio é designado”.<sup>1</sup>

**Maria do Rosário Aranha**

Fonte documental: PLANO de Desenvolvimento Estratégico para as Terras de Basto. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) e Espaço Visual – Consultores em Engenharia Agronómica Lda. (EV). Outubro de 2007.

<sup>1</sup> Decreto-Lei nº 140/99 de 24-04-1999, CAPÍTULO I - Disposições gerais, Artigo 3.º - Definições



o plantar Camiliano, Ribeira de Pena / Ana Souto

# Probasto

## Associação de Desenvolvimento Rural de Basto



agrícolas, associações locais e serviços públicos –, concluem a necessidade de um programa de desenvolvimento que os envolvesse a todos.

Um ano mais tarde, com a publicação da legislação dos Programas de Desenvolvimento Agrícola Regional (PDAR), foi mais fácil para as entidades de Basto reunirem-se, discutirem os problemas e chegarem a soluções a contento de todos. Deste modo, Basto foi a primeira zona do país a ter um PDAR aprovado.

Desde Fevereiro de 1988, data da assinatura do protocolo que formaliza o início do PDAR, que as entidades de Basto se habituaram a trabalhar juntas, sem hegemonia de nenhuma das forças presentes, e começando já a emergir a ideia de criação de um organismo formal com funções complementares às de cada um dos associados.

Quando o PDAR cumpria um ano de execução, as entidades envolvidas tomaram conhecimento da Iniciativa Comunitária LEADER, e assumiram-no como prioridade da sua estratégia de intervenção local. Era a oportunidade de formalizar em associação local as entidades de Basto, e proceder à criação de uma estrutura de intervenção na zona, que correspondia ao Grupo de Acção Local (GAL), com competências de intervenção mais aliciantes e potencialidades abrangentes.

Em Agosto de 1991 constitui-se a Probasto - Associação de Desenvolvimento Rural de Basto, que tem como associados iniciais os quatro municípios da zona de intervenção (Cabeceiras de Basto, Celorico de Basto, Mondim de Basto e Ribeira de Pena), a Caixa de Crédito Agrícola Mútuo e a Associação Mútua de Seguro de Gado. Posteriormente, a associação viu a sua constituição alargada a outras entidades.

### Órgãos sociais

**Assembleia Geral:** Presidente Associação Mútua de Seguro de Gado | Secretário Associação Florestal de Ribeira de Pena | Vogal Rural Basto - Cooperativa de Desenvolvimento Agro-Florestal de Basto | **Direcção:** Presidente Câmara Municipal de Celorico de Basto | Vice-presidente Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto | Secretário Câmara Municipal de Mondim de Basto | **Tesoureiro** Câmara Municipal de Ribeira de Pena | Vogal Caixa de Crédito Agrícola Mútuo do Minho | **Conselho fiscal:** Presidente Câmara Municipal de Celorico de Basto | Secretário Qualidade de Basto | Vogal Grupo Cultural e Recreativo de Mondim de Basto

### Associados

Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto, Câmara Municipal de Celorico de Basto, Câmara Municipal de Mondim de Basto, Câmara Municipal de Ribeira de Pena, Mútua de Basto - Associação Mútua de Seguro de Gado, Caixa de Crédito Agrícola Mútuo do Minho, UNILSETE - União Juvenil das Sete Freguesias, Rural Basto - Cooperativa Desenvolvimento Agro-Florestal de Basto, Qualidade de Basto, Grupo Cultural e Recreativo de Mondim de Basto, Associação Florestal de Ribeira de Pena

Corria o ano de 1986 quando, na região de Basto, tem lugar um encontro denominado “O Futuro de Basto face à CEE”, no qual, os intervenientes locais – autarquias, cooperativas

A implementação do LEADER permite reforçar os laços de cooperação das entidades locais e a afirmação da região no plano interno e externo, e promover os recursos endógenos, naturais e culturais. Por isso, foi com naturalidade que a associação prosseguiu a intervenção LEADER no LEADER II e, mais tarde, no LEADER+.

Em paralelo, foi criado, no âmbito do PRON – SP2, em 1992, um Gabinete de Apoio ao Desenvolvimento Local (GADL), que, durante o LEADER II, deu origem ao Gabinete de Apoio ao Investidor.

Ao nível de outras intervenções e programas, a Probasto implementou o projecto do Centro Rural de Basto “Encostas do Tâmega”, que contemplou as freguesias junto ao Tâmega dos quatro concelhos, além de uma candidatura ao programa Agris, em colaboração com a Câmara Municipal de Mondim de Basto, para a recuperação do património arquitectónico da aldeia de Travassos.

No domínio da formação profissional, em 2003 a Probasto viu aprovada uma candidatura aos eixos 2 e 5 do POEFDS – Programa Operacional Emprego, Formação e Desenvolvimento Social, que visava qualificar os recursos humanos das unidades de alojamento e restauração existentes. Depois, em 2004, prosseguiu-se este processo, através de uma candidatura ao eixo 5, que levou à aprovação de um EFA (Educação e Formação de Adultos) B3 na área de Cozinha, que teve lugar em Ribeira de Pena, e está ainda a decorrer um curso EFA “Serviço de Andares em Hotelaria” – B3, em Celorico de Basto, destinado a desempregados. Também foi aprovada uma candidatura à Prioridade 03 – Adaptabilidade, do programa Equal, com vista ao desenvolvimento da Acção I do projecto “Parques com Vida”.

### Probasto

Edifício Multiusos – Lugar do Rio – Refojos  
4860-408 Cabeceiras de Basto  
Tel.: 253 662 025  
Fax: 253 662 026  
E-mail: adrb.probasto@mail.telepac.pt

### Técnicos da ETL



**Margarida Gomes**  
Coordenadora

Natural do concelho de Cabeceiras de Basto, cresceu na aldeia de Samão. Faz a escola entre Cabeceiras de Basto e Braga, antes de concluir o bacharelato de Contabilidade e Administração no Instituto Superior de Contabilidade e Administração (ISCA), em Aveiro, mais tarde complementado por uma pós-graduação em Gestão para Agentes de Desenvolvimento, na Universidade Católica e, actualmente, frequenta a licenciatura em Contabilidade, no ISCA. Concluído o bacharelato, estagia na ADIB - Associação Dinamizadora dos Interesses de Basto, e em Janeiro de 1996 integra a Probasto para trabalhar no LEADER II, no Gabinete de Apoio ao Investidor. Mais tarde, fica responsável pela contabilidade e, em 2002, assume a coordenação. Embora reconheça “um certo desgaste”, assume o “gosto” por um “trabalho interessante e aliciante”, caracterizado pela “proximidade da população” e que justifica a “opção” de ficar em Basto.



**Carla Correia**  
Técnica

Natural e residente em Chaves, aí completa o 12º ano. Licencia-se em Sociologia, na Faculdade de Letras do Porto, com “tese de licenciatura no âmbito do desenvolvimento local” e, mais tarde, adiciona-lhe a formação em Agentes de Desenvolvimento Local. Faz estágio profissional na Associação de Municípios da Terra Quente. Em 2004, torna-se técnica da Rede Social de Ribeira de Pena, onde se depara com dificuldades devidas à fragilidade da cultura de parceria. Dois anos mais tarde, em Janeiro de 2006, passa a integrar a equipa da Probasto, desempenhando funções ao nível do programa LEADER+, em representação do concelho de Ribeira de Pena. Uma “oportunidade de trabalhar na área” de desenvolvimento local que está a ser uma “experiência fantástica”.



**Maria José Santos**  
Técnica

Nasce e cresce em Celorico de Basto, onde completa a escola secundária e ainda vive. Residência apenas interrompida pelos anos de licenciatura em Relações Públicas, no Instituto Superior da Maia. Faz um estágio no Instituto Português de Apoio aos PALOP. Regressa a Celorico para um estágio curricular na Câmara Municipal, onde realiza um “trabalho sobre geminações”. Em 2001, é convidada para representar o concelho na Probasto. Acompanha o encerramento dos Centros Rurais e LEADER II, “uma altura de grande trabalho”. Posteriormente, trabalha no LEADER+, bem como em projectos de formação e num Equal. Pelo meio, ainda encontra tempo para a formação de formadores e um curso de Certificação de Qualidade, e confessa-se rendida a um “trabalho agradável”, que faz “por gosto”, acreditando que as “pessoas reconhecem a intervenção da Probasto”.



**Ramiro Carvalho**  
Técnico

Natural e residente em Cabeceiras de Basto. É bacharel de Informática e Gestão pelo Instituto Superior de Tecnologias de Fafe. Colabora com a Probasto desde Março de 2002, desempenhando funções de acompanhamento técnico de projectos, apoiados no âmbito do LEADER+.



**Susana Mota**  
Técnica

Nasce no Porto mas considera-se natural de Mondim de Basto. Completa o secundário em Braga e cruza o Douro para licenciar-se em Economia, na Covilhã. Mais tarde, junta-lhe a pós-graduação em Agentes de Desenvolvimento, na Universidade Católica do Porto. Experimenta ainda a formação de formadores, fiscalidade e contabilidade. “Temos de estar sempre actualizados”. Antes, em Novembro de 1999, avança para o estágio profissional na C.M. de Mondim de Basto, uma “rampa de lançamento”. “Queria trabalhar na área do desenvolvimento” e, ao fim de nove meses, é “convidada a ficar”. Mais tarde, em 2001, tem a possibilidade de integrar a equipa da Probasto, desafio que abraça até hoje com convicção e dedicação.



**Bela Suzete Torres**  
Administrativa

Natural da Beira (Moçambique), completou o 12º ano de escolaridade. Através da Probasto participou no projecto PRORURAL, financiado pelo programa EUROFORM, em 1993. Começou a desempenhar funções administrativas na associação em 1994. Passados 13 anos, permanece na Probasto, acompanhando os programas LEADER, LEADER II e LEADER+.

Textos de João Limão

### PDL LEADER+

## Valorizar os recursos naturais e culturais

Valorizar os recursos naturais e culturais é o objectivo do Plano de Desenvolvimento Local (PDL) LEADER+ da Probasto - Associação de Desenvolvimento Rural de Basto para o território das Terras de Basto.

Segundo documentos da associação, este “PDL tem por objectivo o desenvolvimento harmonioso e integrado das Terras de Basto, de forma a possibilitar o aproveitamento total das capacidades endógenas da Zona de Intervenção e salvaguarda dos valores e potencialidades existentes”. Ainda de acordo com a Probasto, a intervenção desenvolvida no quadro do programa LEADER, nas suas diferentes fases, “permitiu reforçar os laços de cooperação das entidades locais e a afirmação da região no plano interno e externo”. Neste sentido, o actual PDL aponta para cinco eixos de actuação: a afirmação de Basto no contexto interno e externo, a valorização do património cultural e natural como via de afirmação regional, o impacto económico directo do turismo, a valorização e comercialização de produtos locais, e o reforço da capacidade de intervenção das entidades locais.

Margarida Gomes, coordenadora do Grupo de Acção Local (GAL) da Probasto, realça a estrutura organizativa da associação, que contempla um técnico local em cada concelho, e que “aproxima muito a associação dos promotores”, ao

mesmo tempo que “facilita o contacto”. Ainda de acordo com Margarida Gomes, o território também apresenta alguns “constrangimentos de investimento privado”, em função dos quais se torna importante contar com a implementação de projectos dos municípios, que “são entidades com maior capacidade de investimento”. Susana Mota, técnica responsável pelo concelho de Mondim de Basto, confirma que a “maior dificuldade é cativar iniciativa privada”, visto que no território se identifica alguma “aversão ao risco e dificuldade de investimento”. No entanto, a técnica responsável pelo concelho de Mondim de Basto salienta que já tem “em carteira algumas intenções interessantes de projectos novos”.

Na Probasto defende-se a ideia de que o sucesso das intervenções “dependerá do grau de envolvimento das populações”, e embora Margarida Gomes, coordenadora do GAL, reconheça que o “primeiro e segundo LEADER tiveram um impacto maior do que este”, os números revelam uma dinâmica de participação elevada. No LEADER+, a Probasto apresenta um investimento total aprovado de 4.656.665,78 euros, no âmbito do vector I, correspondente a 53 projectos na medida I – Investimentos (correspondentes a um valor de 3.043.658,84 euros), e 75 projectos na medida 2 – Acções Imateriais (949.030,44 euros).



Um fim-de-semana nas Terras de Basto

Entre a paisagem e o património histórico

Descobrir as Terras de Basto é descobrir a paisagem diversa, de miradouros com vistas de cortar a respiração, arquitectura religiosa abundante e profundas marcas da história.

Pode começar pelo concelho de Cabeceiras de Basto, cuja paisagem é dominada pela presença constante da Serra da Cabreira. Dentro da vila encontra o Pelourinho, do século XVI, implantado em frente da antiga cadeia. Mais à frente, na Praça da República, temos a Igreja e Sacristia do Convento de Refojos, exemplar barroco do século XVIII, com planta em cruz latina e altar da renascença, onde abunda a talha dourada. Ainda nesta praça, deparamos com a estátua do “Basto”, talhada em granito, que representa um guerreiro lusitano, presumivelmente do século I a.C. À saída da vila, não perca a oportunidade de conhecer Basto através do Museu das Terras de Basto, bem como visitar o Museu Ferroviário, ambos em Arco de Baúlhe. Ainda no concelho, merecem destaque a Ponte de Cavez, sobre o rio Tâmega, a Ponte Antiga sobre o rio Moimenta, e a Ponte de Arco de Baúlhe. Com tempo, aproveite o Guia das Aldeias da Serra da Cabreira, para partir à descoberta das suas gentes. Dezassete destas aldeias integram o concelho, e estão organizadas em quatro circuitos: cultural, patrimonial, natural e religioso. Em Celorico de Basto sobressai o Castelo de Arnóia, fortaleza antiga, localizada em ponto de difícil acesso, a três quilómetros de Celorico. Depois, encontramos Solares e Casas Senhoriais que se espalham por todo o concelho, de onde se destacam a Casa da Boavista, em Veade, pela arquitectura, a Casa da Portela, em Gagos, pelos interiores, ou a Casa do Outeiro ainda em Veade, e a Casa Gandarela, em S. Clemente de Basto, pelo estilo barroco. No centro da vila destaca-se a Casa do Prado, do século XVIII, rodeada por jardins, com fachadas de configuração distinta e torre ameada, além da Biblioteca Municipal Professor Marcelo Rebelo de Sousa, e dos espaços ajardinados junto ao rio Freixieiro. Fora da vila, quem siga a estrada por Codessoso encontra o lugar de Lourido, onde se ergue uma pitoresca ponte de arame que é meio de passagem para a vizinha localidade de Rebordelo. Já em Mondim de Basto, não perca a ocasião de visitar a Igreja Matriz. Apesar de modificada, conserva o portal de estilo românico e no altar-mor destaca-se um retábulo único setecentista. Espreite a Capela do Senhor, construção românica com tecto de madeira e frescos com molduras douradas sobre temas do Antigo Testamento, e a Capela do Senhor da Fonte, construção barroca, em que se destaca o retábulo e o tecto de madeira com pinturas rocaille. Nas deambulações pela vila, merecem atenção as casas da Igreja e do Eiró, ou o Solar dos Azevedos, além da Romarigues, loja de artesanato notabilizada pelos bordados e aplicações sobre tecidos nobres, localizada no núcleo histórico da vila – uma zona antiga, em franca recuperação. Ainda no concelho, Bilhó reserva-lhe a Capela de S. Bartolomeu, templo setecentista, a Igreja Matriz e o Chafariz



Mosteiro de S. Miguel de Refojos. Cabeceiras de Basto / Probasto

do século XVIII, enquanto Atei exhibe a Igreja Matriz (século XIV). Em Vilar de Ferreiros, além do Cruzeiro de Campanhó, encontra a Capela de S. Sebastião. Mas a pérola patrimonial do concelho é o Santuário de N. Senhora da Graça, que é o maior e mais importante Santuário Mariano da Diocese de Vila Real. Nele se realizam festas religiosas que chamam milhares de devotos. Um passeio ao concelho de Mondim fica mais completo se visitar a aldeia de Ermelo, localizada no Parque Natural do Alvão, muito marcada por um edificado em xisto. Aí poderá observar o Pelourinho, a Ponte Medieval sobre o rio Ôlo e, ainda, o miradouro e as imponentes quedas de água das Fisgas de Ermelo. Por fim, em Ribeira de Pena, a localidade é dominada pela Igreja Matriz do Divino Salvador. Com fachada de estilo barroco, revestida de azulejo, onde se destaca o pórtico frontal, com imagem do Divino Salvador, encimado por dois querubins. Fora da vila, mas ainda em Salvador, encontra outra ponte de arame ou Pênsil, suspensa em cabos de arame entrançado, num cumprimento de quase 20 metros, e passadiço de madeira, numa estrutura a fazer lembrar os filmes de aventuras. Na freguesia de Cerva distingue-se o Pelourinho, localizado no centro da vila, e único monumento nacional do concelho. Depois, tem a Igreja Matriz de S. Pedro, bem como a Capela de S. Sebastião. Em Santa Marinha, muito próximo de uma das saídas de Ribeira de Pena, encontra a Igreja Matriz de Santa Marinha, com imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Angústias, a Capela da Granja Velha, dedicada a Nossa Senhora da Conceição e o Solar de Santa Marinha, que é mansão senhorial do século XVI. Subindo ao cimo da encosta do Alvão, no lugar chamado Fonte do Mouro, encontra a Capela de Nossa Senhora da Guia, de onde sobressai a talha dourada interior, bem como o pórtico de entrada, ornamentado a granito, característico do barroco. O adro murado estende-se num miradouro natural, voltado para o Tâmega, que se abre para uma vista privilegiada de horizonte largo.

João Limão



Ponte de arame. Ribeira de Pena / Maria do Rosário Aranha

para dormir

- Casa de Canedo**  
Barreiro, Canedo de Basto – Celorico  
Tel: 255 361 29
- Casa do Campo**  
Molares, Celorico de Basto  
Tel: 255 361 231
- Casa do Cimo de Vila**  
Lugar de Cimo de Vila, Pedraça – Cabeceiras de Basto  
Tel: 253 663 155 | Tlm: 968 015 517
- Casa do Barreiro de Cima**  
Parada de Atei, Atei – Mondim de Basto  
Tel: 255 386 491
- Casa do Mota de Alvite**  
Alvite, Cerva – Ribeira de Pena  
Tel: 259 470 981
- Casa do Cerrado**  
Agunchos, Cerva – Ribeira de Pena  
Tel: 259 470 888

para comer

- Adega S. Tiago**  
Rua Velha – Mondim de Basto  
Tel: 255 386 597
- Restaurante Caneiro**  
Caneiro – Arco de Baúlhe  
Tel: 253 665 799
- Restaurante Luís do Outeirinho**  
Outeirinho – Refojos de Basto  
Tel: 253 662 746
- Restaurante “O Cantinho do Churrasco”**  
Salvador – Ribeira de Pena  
Tel: 259 494 204
- Sabores da Quinta**  
Fermil de Basto – Molares  
Tel: 966 078 135
- Quinta da Fontinha**  
Barrega - Borba  
Tel: 255 489 197

para visitar

- Cabeceiras de Basto**  
Nariz do Mundo (miradouro em Moscoso); Praça da República – estátua do Basto; Centro Hípico de Vinha de Mouros; Área de Lazer dos Moinhos de Rei (Abadim); Pista de Pesca Desportiva de Cavez
- \* Mosteiro de S. Miguel de Refojos; Centro de Educação Ambiental de Vinha de Mouros (circuito de manutenção, minigolfe e parque de merendas); Aldeia de Busteliberne**
- Mondim de Basto**  
Parque Natural do Alvão (Fisgas de Ermelo); Monte Farinha (Santuário de N. Sr.ª da Graça; Ponte de Vilar de Viando sobre o rio Cabril; Monte da Sra. da Piedade; Piscina Municipal e Núcleo Histórico de Mondim de Basto
- \* Castro do Castroeiro, Zona Verde Municipal (jardim, campo de ténis, minigolfe, auditório ao ar livre); Capela do Senhor; Aldeia de Travassos**
- Celorico de Basto**  
Biblioteca Municipal Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa; Ponte de Arame de Lourido; Moinhos de Argontim; Solares
- \* Aldeia do Castelo; Mosteiro de Arnóia; Lugar do Vau (Rio Freixieiro); Jardins de Camélias**
- Ribeira de Pena**  
Ponte de Arame; Igreja do Salvador; Casa de Camilo Castelo Branco em Friúme; Parque das Meadas em Cerva; Capela da Senhora da Guia; Pena Aventura Park
- \* Parque Ambiental e Centro de Interpretação do Bucheiro; Aldeia de Agunchos**

para levar

- Vinhos Verdes de Basto; Artesanato têxtil em linho e lã; Mel das Terras Altas do Minho; doces regionais e compotas

# Em Nome da Terra

“Em Nome da Terra” é um romance emblemático de Vergílio Ferreira. Servimo-nos do título para, em breves palavras, traçarmos um pouco da envolvimento do mundo rural na sua obra literária. Vergílio Ferreira nasceu em Melo, freguesia do concelho de Gouveia, aldeia virada para a Estrela, ladeada por duas ribeiras, sob a sombra tutelar das ruínas do Paço, com vistas a espraíarem-se para os longes do Mondego. Aqui passou a meninice e as férias da sua juventude escolar. Aqui conviveu com as suas gentes, na sua maioria camponeses num Portugal profundo das primeiras décadas do século XX. Desse contacto resulta que esses camponeses apareçam, em vários momentos da sua obra, na sua simples rudeza. Vergílio Ferreira viria a escrever que se tem “abastecido razoavelmente” da recolha que, ao longo dos tempos, foi efectuando sobre os protagonistas do cultivo da terra. Efectivamente nos contos e romances da dita fase neo-realista da sua escrita, desfilam perante nós homens e mulheres do povo, as intrigas e desaguisados, os falatórios... os nomes e alcunhas são reais, da própria aldeia: os Borralhos, o Gorra, Maria do Termo, a Munda, a Corista... Criado neste meio, não admira que traga até nós vários relatos dos trabalhos agrícolas e artesanais. Aqui e ali temos o denodo do camponês, de sol a sol, a luta para conservar a sua courela, o cozer do pão na fornada colectiva, as secas do milho, a tira das batatas, o plantio do cebolo, a poda, o reboiço das vindimas e o fervilhar do lagar, a fabricação do azeite, a matança do porco... O escritor procura também reproduzir a linguagem popular nas expressões e diálogos dos intervenientes.

“Atão dixe que este padre que é que arranjou bonita às beatas... Dixe que vai arranjar uma música de rapazes e que é pra dançarem. Ali à preta! Assim é que é gosto. Padres reinadios... Não é assim, ó Ti Zé?”  
(...)  
“- Stamos trabalhados”.

(In “Onde Tudo Foi Morrendo”)

Vergílio Ferreira, para além dos elementos do campo, introduzirá frequentemente alguns animais, com particular relevo para o cão: o Tejo,

o Dick, o Fiel, o Mondego, o Tirano... Fiéis companheiros dos protagonistas, por vezes o interlocutor único. Pelo exposto, vislumbrando a sensibilidade do escritor que, conforme nos indica, a aprendeu na província em que nasceu, a Beira. Transcrevemos:  
“O facto é que praticamente não sei falar senão do ambiente em que nasci. Mesmo o Alentejo (e vivi lá 14 anos) só afinal o entendi como um eco da Beira. Porque a planície e a montanha falam a mesma voz primordial.”  
Dessa planície retenhamos o drama do trabalhador que se suicidou porque já não prestava para lançar a semente à terra. Os protagonistas da ficção vergiliana regressam à velha casa, à aldeia, ao “espírito do lugar”. Denominador comum na obra de Vergílio Ferreira desde o início da sua aventura literária, aqui temos o retorno às origens, na comunhão entre o começo e o fim, muito afecto ao sentimento lusitano, num povo habituado a correr as sete partidas, sempre num desejo de sempre regressar. Acompanham-os a evocação da infância e as cogitações de ordem metafísica, a solidão, a angústia, o silêncio. Em plena comunhão entre a natureza e a gente rural, Vergílio Ferreira ergue um verdadeiro hino, assim poetizado:

“Mas quando abro a janela. Vem do fundo das leiras, talvez de baixo, da ribeira, abre-se à amplidão do espaço – canta, quem és? «Ó minha amora madura, quem foi que te amadurou?» – Sei a canção, canta! Pelo infinito dos milénios, a tua voz pura. «Foi o sol e mais a lua» – na tarde imensa da minha solidão. Oh, não sofras. Arrasta-se o canto como através de um templo. Anúncio da alegria que não morre, vem do lado de lá da vida, que trabalho agora no campo? Canta. A apanha do milho, talvez a tira das batatas. É um canto com um ritmo de igreja. Deus mora ainda na sua infinitude, «foi o sol e mais a lua e o calor que ela apanhou» – com um ritmo de eternidade.”

(In “Para Sempre”)

Tudo “Em Nome da Terra”.

Alípio de Melo

## Teatro e Poesia na Serra da Estrela

ArteAnima é um projecto LEADER+ Serra da Estrela, promovido pelo Escola Velha – Teatro de Gouveia que contribuiu para a promoção e valorização cultural do território da Serra da Estrela. No âmbito deste projecto, foram editados o DVD “O Auto Pastoril da Serra da Estrela”, de Gil Vicente, levado à cena pelo Escola Velha – Teatro de Gouveia, e o CD “Poetas da Nossa Terra” que reúne trinta e dois poemas de autores – com excepção



de Vergílio Ferreira, todos eles autodidactas – com ligações ao concelho de Gouveia. Disponibilizados para a comunidade escolar, as duas edições pretendem valorizar e dinamizar a cultura que se faz nos territórios do interior, bem como, implementar o desenvolvimento rural através de iniciativas culturais, neste caso concreto, o teatro e a poesia.

ADRUSE  
Associação de Desenvolvimento Rural da Serra da Estrela





## Literatura infantil

# Contos e encantos das crianças marienses

“Era uma vez o José e o Joaquim que viviam numa casa muito grande, situada num lugar chamado Vila Moinho, na freguesia de Santo Espírito”. É assim que começa uma das histórias do primeiro volume de uma colecção de cinco livros intitulada “Contos e Encantos das Crianças Marienses”.

Antes de fazermos uma pequena apresentação do projecto, lembramos que ler é uma forma de enriquecimento.

Este é um projecto de incentivo à leitura que, através de uma metodologia de animação realizada com crianças do 4º ano do 1º ciclo do ensino básico, constrói uma colecção de livros infantis, sendo cada volume da colecção realizado por cada uma das freguesias do concelho de Vila do Porto, único concelho da ilha de Santa Maria.

A ideia original deste projecto foi desenvolvida no âmbito da disciplina de Leitura Pública no Curso de Especialização em Ciências Documentais da Universidade dos Açores (2001–2003). A sua implementação passou pela candidatura da Associação Juvenil da Ilha de Santa Maria (AJISM) ao Programa de Iniciativa Comunitária LEADER+ através da ARDE.

Como vivemos num país em que os hábitos de leitura não são tão fortes como nos nossos parceiros europeus, há que envidar esforços para envolver a sociedade civil neste processo. Alguém disse que as crianças são o futuro de uma nação. Se assim é, então é com elas que devemos iniciar o processo de construção de bons hábitos, neste caso, o hábito da leitura. Julgamos que uma das formas mais simples e fáceis de envolver os

adultos no processo de leitura é através das crianças. Quantos pais, tios ou avós começam a ler por causa dos seus sobrinhos, filhos ou netos?

A ARDE – Associação Regional para o Desenvolvimento, enquanto associação de desenvolvimento local procura apoiar iniciativas nas mais diversas áreas, não ficando atrás, claro, a área cultural. Neste sentido, a ARDE ao apoiar um projecto que consistia na criação de uma coleção de livros, tomou consciência da importância que a leitura tem para o desenvolvimento das crianças.

A vertente mais cativante do projecto é o facto das crianças serem os próprios contadores de histórias. Esboços, desenhos, frases e por fim as histórias, são o fruto da imaginação das crianças que relacionando o local onde vivem com o mundo das histórias infantis dão origem a esta criatividade.

Num sentido lato, o projecto pretendeu criar e consolidar o hábito de leitura nas crianças desde os primeiros anos, prestar apoio à auto-educação e à educação formal a todos os níveis, providenciar possibilidades de desenvolvimento pessoal criativo, estimular a imaginação e a criatividade de crianças e jovens, sensibilizar para o respeito do património cultural e prestar apoio à tradição oral.

Em forma de conclusão, o projecto contribuiu, com certeza, para o desenvolvimento da capacidade imaginativa das crianças, sobretudo daquelas que se encontram nos meios rurais, onde, por vezes, são pouco estimuladas, não tendo um contacto visual diversificado como as que vivem nas zonas mais urbanas.

A divulgação das obras por toda a ilha e pelas principais entidades dos Açores, incluindo escolas, bibliotecas e associações veio permitir a sensibilização de outras pessoas e realidades para a riqueza do projecto, tendo sido, pois, uma mais-valia em termos de publicidade para a importância que a ARDE representa no desenvolvimento local a outros níveis, nomeadamente nas áreas da cultura e formação.

**Ana Machado** (Coordenadora da ETL)

**Andrea Guedes** (Técnica da ETL)

**e Cristina Bairos** (Animadora da ETL)

**ARDE** - Associação Regional para o Desenvolvimento



## Metodologia

Este projecto guia-se pela mesma metodologia para realizar cada um dos volumes da colecção. O primeiro passo serve para preparar os conteúdos e a equipa para a sessão de animação, trabalhando com o/a docente das crianças, que, por sua vez, também desenvolvia um trabalho prévio com a sua turma para recolher material sobre a cultura ou memória local. O segundo passo dá-se ao organizar actividades complementares durante a semana, dedicada à animação em cada uma das freguesias, incluindo a montagem de uma exposição sobre a história local e o envolvimento de um/a idoso/a, conhecedor de histórias locais. Ao terceiro passo, acontece o dia de animação com a equipa do projecto. Num espaço evocador da realidade da freguesia nascem as histórias, graças a uma sequência dinâmica: desenhos, associação de desenhos a palavras, jogo de transformação das palavras em frases e trabalho final das frases em histórias. Durante o intervalo os textos são trabalhados pela equipa de animadores/as para depois em história ser dramatizada. Ao quarto passo corresponde o momento de organização e tratamento do material produzido, para ser passado pelo crivo criativo e da paginação e sair daí um esboço de livro. No passo cinco propõe-se o produto em forma de maquete para análise e validação antes do envio para a gráfica. O sexto passo permite que com o livro impresso na mão se promova o seu lançamento e distribuição.

Fonte: FERNANDES, Judite, “Contos e Encantos das Crianças Marienses”, Associação Juvenil da Ilha de Santa Maria.



## Dinamizar a região da Beira Serra

# Um território de criação cultural viva

Animar a interioridade pela cultura poderia bem ser o lema deste projecto, que conta já com cinco anos de actividade editorial e apoio à programação de iniciativas culturais em toda a região.

A concretização de iniciativas culturais na região da Beira Serra – concelhos de Arganil, Góis, Oliveira do Hospital e Tábua, esteve presente desde a fundação da ADIBER (Associação de Desenvolvimento Integrado da Beira Serra), em 1994, nos planos de actividades que anualmente vão sendo desenvolvidos.

Neste sentido, destaque-se a criação e afirmação do GóisArte no panorama das artes plásticas, hoje ainda, um evento marcante na agenda cultural da Região Centro e em particular da Beira Serra. A partir do seu exemplo, bem sucedido, outras mostras e festivais de artes plásticas emergiram na região, passando a assumir-se as Artes como um elemento cultural central da vida pública da região.

Decorrente das conclusões quer do I, quer do II Congresso da Beira Serra, ficou vincada a aposta na cultura e nas suas manifestações, seja de carácter popular ou mais erudito, seja de carácter local ou atraindo novos criadores culturais para a região, perspectivada como um vector determinante da acção da ADIBER no território.

A prioridade foi dedicada à promoção do acesso à cultura, da educação para novos hábitos culturais e revitalização da oferta cultural com origem na região, e acima de tudo, criando novos públicos para a cultura, fazendo emergir novos eventos, preferencialmente itinerantes ou, pelo menos, organizados em rede. As boas práticas e a cultura de parceria assim recomendam.

Por estes motivos, o Plano de Desenvolvimento Local (2002-2007) consagrava como objectivo estratégico a “Preservação do Património Cultural” assumido como factor identitário da região, como instrumento de animação e vivificação das nossas comunidades e elemento facilitador da projecção da imagem de marca da região: Um Território Vivo, Criativo e Empreendedor.

Conjugando estas premissas com a existência de um assinalável número de criadores e autores locais, seja na escrita, seja na música, seja nas artes plásticas, seja na banda desenhada ou quaisquer outras disciplinas artísticas, tal justificou a criação de um projecto de incentivo à edição e à promoção de eventos culturais que cobrissem toda a região.

Organizado por três objectivos centrais: apoiar a edição de primeiras obras e novos autores, apoiar a consolidação da oferta cultural com repercussão regional, valorizar a imagem exterior da Beira Serra, eis as razões de fundo do projecto “Beira Serra Cultura Viva”.

Projecto de dinamização cultural da região, promovido pela ADIBER no âmbito do Programa de Iniciativa Comunitária LEADER+, e ancorado numa lógica de parceria activa com várias instituições culturais, autarquias locais ou associações de juventude da região.

Dada a manifestação abrangência temática deste Projecto, este é um autêntico “Roteiro Literário” disperso pela região, por vários autores e temas. Uma visita ao sítio da internet da ADIBER ([www.adiber.web.pt/Publicações](http://www.adiber.web.pt/Publicações)) permitirá um primeiro contacto com o catálogo editado com a chancela “Beira Serra Cultura Viva”.

Note-se que o desenvolvimento do apoio à edição partiu da constatação que existem inúmeros autores na região a trabalhar em vários domínios: na poesia, no conto, na investigação produzindo monografias de temática local, novos autores e primeiras obras; autores já com obra editada; compilações e antologias em organização; edição de música de carácter mais “erudito”, ou popular, e etnográfica... Um mundo, ainda, a descobrir e, uma forma de a ADIBER estar permanentemente atenta ao que os autores da Beira Serra vão produzindo. Depois há que fazer o necessário trabalho de acompanhamento, de apoio à edição, de divulgação e apresentação pública das obras. Neste contexto, e com a satisfação do caminho percorrido até ao momento, a título meramente exemplificativo destacamos alguns trabalhos que são uma forma de retratar a diversidade editorial do projecto: “Fragmentos” (2002), poesia, primeira obra da jovem poetisa goiense Gisa de Almeida; “As alminhas do Concelho de Tábua”, roteiro de património e de arquitectura vernácula, em registo de monografia feita por dois autores locais; “A Cidade e as Terras”, colectânea de contos e banda desenhada, que resultou de um concurso literário organizado pela associação juvenil OH S.21; “Sonhos de Alma” de Clarisse Barata Sanches, que compila 153 sonetos da designada

“embaixatriz da literatura goiense”; “Poesia: A História da Minha Vida”, poesia de raiz popular, primeira obra de uma formanda de um Curso EFA ministrado pela ADIBER; “Obras Completas”, de Vasco de Campos, uma edição conjunta Editorial Moura Pinto/Beira Serra Cultura Viva, sobre as vivências dos povos da Beira Serra descritas por um médico da serra; “Dez Reis de Gente” e “Febre no Rabadão” de Adriano Pacheco, livros de contos sobre as gentes que daqui partiram e a memória da exploração mineira dos anos 30 e 40 do século passado, respectivamente. “Miguel Torga” de João de Castro Nunes que retrata de forma peculiar a passagem do escritor pela região. Na área da música, destaca-se a edição do disco da Orquestra Juvenil de Oliveira do Hospital, que compila 16 peças clássicas, executadas por jovens músicos.

Para além do apoio à edição, o projecto “Beira Serra Cultura Viva” permitiu a promoção de eventos itinerantes como o “Poesia para Todos”, o “AGIRARTE”, os “Encontros Pensar Século XXI”, que possibilitaram a vinda de inúmeras figuras das artes, das letras, da cultura e dos media à região, promovidas em parceria com a Editorial Moura Pinto e a Associação OH.S.21, respectivamente.

Refira-se ainda, que este projecto permitiu desencadear outras iniciativas culturais, no caso, os projectos “Beira Serra: Cultura em Movimento” edições de 2005 e 2006, e “Beira Serra em Sons e Palavras”, 2007, apoiados pela Delegação Regional do Centro do Ministério da Cultura, promovendo a divulgação dos autores locais da região nas escolas e junto do público em geral, a realização de concursos literários nas escolas, e a conjugação da literatura regional com a música feita por grupos da região.

O projecto acontece e tem sido ampliado muito por força da boa relação com várias entidades parceiras com trabalho na região, da razoável rede de equipamentos culturais dos quatro concelhos, de bem sucedidas práticas de itinerantes de eventos, da disponibilidade para o voluntariado de carácter associativo e cultural, da capacidade para o envolvimento activo de várias entidades locais, como parceiros e entidades locais de “acolhimento” das iniciativas, tudo conjugado no sentido de criar um efeito de “rede de dinamização cultural”, à nossa escala geográfica, institucional e capacidade financeira.

Estamos em crer que esse objectivo tem sido conseguido. Porque será sempre um trabalho inacabado e aberto a novos desafios e horizontes, lemos nas palavras da eterna Sophia de Mello Breyner Andresen um incentivo permanente para fazer mais e melhor: “a cultura não como um luxo de privilegiados, mas como uma necessidade fundamental de todos os homens”.

José Francisco Rolo  
Miguel Ventura

Adiber - Associação de Desenvolvimento Integrado da Beira Serra



# A arte xávega na Praia da Vieira

Face à importância da arte xávega para a comunidade piscatória da Praia da Vieira, a ADAE – Associação de Desenvolvimento da Alta Estremadura decidiu apoiar um projecto editorial da iniciativa da Junta de Freguesia da Vieira de Leiria, também como gesto de merecida homenagem aos pescadores e peixeiras desta região.



A arte xávega, base do nascimento da Praia da Vieira e resultado do feliz casamento com o Pinhal do Rei, representa ainda hoje uma importante actividade desta comunidade piscatória.

Gentes de trabalho e de sacrifícios, dedicaram toda a sua vida ao mar e instalaram-se nas dunas, havendo ainda hoje famílias que dedicam a sua força de trabalho a esta arte.

Mas, com o passar dos tempos e com a oferta de alternativas de emprego menos “perigosas” e exigentes, começam a ser raros os jovens que pretendem dar continuidade a esta arte.

É assim que a faina que outrora caracterizou a Praia

da Vieira – a arte xávega, um dos mais tradicionais tipos de pesca desta região, regressa ao areal da praia nos meses de Maio, Junho, Julho e Agosto com o principal objectivo de recriação, animação e divulgação da cultura marítima local, através da recriação desta ancestral arte de pesca.

Os pescadores lançam as redes de manhã a partir das suas embarcações em zonas específicas do mar, utilizando as suas embarcações donde fazem os “lances” das redes.

À tarde, as redes são recolhidas a partir de terra por pescadores e peixeiras, no momento mais emblemático da arte xávega.

O peixe capturado é vendido na lota da praia, reconstituindo também os antigos processos de venda, nomeadamente o “chui” – o sinal de compra do pescado.

Alcina Costa

ADAE - Associação de Desenvolvimento da Alta Estremadura

“A arte xávega na Praia da Vieira. Histórias e Imagens – documentos fotográficos de Dora Landau, Vergílio Guerra Pedrosa e outros.” é um livro da autoria de Francisco Oneto Nunes, editado pela Junta de Freguesia de Vieira de Leiria em 2004. O autor leva o autor a viajar pela história desta arte, desta praia e desta gente através dos seguintes capítulos: “Antecedentes”, “O Tempo dos Senhorios”, “O Tempo das Sociedades” e “O Tempo da Resistência”. As fotografias de Dora Landau, Vergílio Guerra Pedrosa, Ana Cláudia Filipe, Arquivo da Câmara Municipal da Marinha Grande também falam em tons de preto e branco do tempo passado de gentes cuja vida evoluía entre o pinhal e o mar.

Banda desenhada pedagógica

# Sara e David nas Terras dos Rios

Entre a necessidade de preservar o património natural e a aposta nas potencialidades da educação ambiental, nasceu uma ideia concebida por seis parceiros de um projecto europeu de Portugal, França e Hungria que resultou numa banda desenhada “multicultural” para crianças dos seis aos dez anos.



O Guia de Boas Práticas de utilização dos rios – Sara e David nas Terras dos Rios, surge no âmbito de um dos grupos de trabalho constituído por seis dos 20 parceiros que integram o projecto mais vasto “Union des Terres de Rivières”, apoiado pelo Programa Interreg IIIC SUD Ouest.

Este projecto tem por objectivo analisar as causas concretas da poluição dos rios, retratadas no guia e sugerir algumas atitudes que possam minimizar/contrariar essa poluição.

Pretendeu-se criar um instrumento de sensibilização para a necessidade de preservar a água, promovendo a boa utilização dos rios, dirigido à população escolar do 1º ciclo do ensino básico. A par do objectivo pedagógico referente à necessidade de utilizar

racionalmente a água, foi ainda objectivo divulgar as características de

cada um dos rios, nomeadamente no que se refere às suas características técnicas (nascente, bacia, margens, dimensão, caudal...), bem como a fauna e flora características de cada um dos rios.

Para o efeito, cada associação elaborou um texto corrido e sucinto de caracterização do rio do seu território, tendo o mesmo sido trabalhado e transformado em forma de banda desenhada.

Foram criadas duas personagens – Sara e David (estes nomes pronunciam-se de forma idêntica em todos os países parceiros do projecto), como também personagens mitológicas que conferem um certo ambiente mítico à história, de forma a “prender” a atenção das crianças.

A Corane - Associação de Desenvolvimento dos Concelhos da Raia Nordestina, a Associação Douro Histórico, ADICES - Associação de Desenvolvimento de Iniciativas Culturais, Sociais e Económicas e a ADAE - Associação de Desenvolvimento da Alta Estremadura são a nível nacional os actores do projecto e autores das histórias, cujos textos foram depois transcritos para argumento e desenhos de banda desenhada.



# O Caminho de Jacinto

Jacinto é a personagem central do romance “A Cidade e as Serras”, um urbano inveterado que, tal como o próprio Eça, chegou à Estação de Tormes (Aregos) e subiu a serra ao encontro da herança dos seus antepassados.

Símbolo de um misto de confusão, repulsão, curiosidade e de êxtase, tanto para ele como para o seu amigo Zé Fernandes, o Caminho de Jacinto é um itinerário pelo campo, fundamental para formatar o conhecimento de um dos espaços mais famosos desta obra.

Para além de uma oportunidade única de conferir as impressões do escritor, este pequeno itinerário é um desafio à destreza física e à imponência da serra, um exercício a que ninguém deve furtar-se.

Torne-se Jacinto do século XXI e acredite esquecer todos os males ante a inesperada, incomparável beleza daquela terra bendita, composta pelo divino artista numa das suas manhãs de mais solene e bucólica inspiração.

Com vestuário e calçado apropriado à época do ano, inicie o Caminho de Jacinto na estação de Tormes (Aregos), mas não fique expectante e ansioso à espera de uma égua lazarenta, um jumento branco um rapaz e um podengo, pois o percurso é para ser feito a pé, embora apresente algum grau de dificuldade.

Após admirar a aprazível estação, os seus edifícios antigos e os seus jardins, um espaço agora bordejado pelo rio Douro mas que, ao tempo de Eça, era levantada vários metros em relação àquele, siga pela linha férrea em direcção à Régua até encontrar um caminho que, diante do portão da Quinta da Tenchoadinha, volta à esquerda e sobe. Aprecie alguns pomares e casas antigas, os terrenos de lavoura e atinja a estrada que vens da estação.

Suba e volte à sua direita até atingir uma casa branca rodeada de um canavial. Aí, uns poucos metros adiante e à sua esquerda, continue por uma estreita viela empedrada. Não hesite, agora será quase sempre a subir, mas vale a pena.

Pare de vez em quando. Observe as carvalheiras e os soutos de castanheiros, os pinheiros mansos, as oliveiras, as mimosas, as figueiras, os choupos junto dos regatos, um ou outro loureiro e, num exercício mental, procure os vales fofos de verdura, os bosques quase sacros, os pomares cheirosos e em flor, a frescura das águas cantantes, as ermidi-nhas branqueando nos altos, as rochas musgosas, o ar de uma doçura de paraíso, toda a majestade e toda a lindeza, tudo aliado à nota humanizante dos velhos moinhos que as águas esforçadas já não conseguem mover. A primeira casa que se avista é a Casa da Capela, com o seu ar senhorial dentro da quinta em socacos de vinha e, a seguir, antes da estrada alcatroada, a de Lodeiro.

Esta Casa tem a sua história. Pertenceu a um amigo de Camilo Castelo Branco, José Augusto Pinto de Magalhães, que raptou Fanny Owen, com quem casou. O casamento não se consumou e cerca de um ano depois



Quadros alusivos ao itinerário “Caminhos de Jacinto”. Tormes, Santa Cruz do Douro / Dolmen

Fanny morria tísica com 24 anos. José Augusto mandou embalsamar o cadáver guardando-lhe o coração num frasco de vidro que esteve muitos anos na capela da Casa do Lodeiro. Camilo refere-se a este drama n’O Bom Jesus do Monte” e em “Vinte Horas de Liteira”, Agustina Bessa-Luís em “Fanny Owen” e o cineasta Manoel de Oliveira em “Francisca”.

Lá mais para cima, numa volta do caminho, descansa um pouco, respire a frescura e os baços da serra e olhe para a paisagem deslumbrante que a sua esquerda lhe apresenta. Aí destacam-se a Igreja e o Cemitério de Santa Cruz do Douro, onde repousam os restos mortais de Eça de Queiroz, bem como o vale que vem percorrendo e foi ficando para baixo, a verdura da vegetação, a bem tratada vinha, as casas e as quintas em socacos e ainda os inúmeros casais que dão vida e acção a este espaço revisitado.

Mais um pouco e, depois de contornar a Casa da Torre do Cabeção, eis que chega a Cedofeita, um pequeno lugar abaixo de Tormes, onde pode saciar a sede numa pequena bica de águas frescas e impolutas. É água da serra, que cai lá das alturas, de Queixomil, um lugar alcandorado ria direcção de Tormes.

Aqui, aprecie as casinhas, a simpatia das pessoas e passe à última etapa. Uma centena de metros adiante e, enfim, encontrará as vinhas e os jardins em socacos da Quinta de Vila Nova. Por cima dos seus famosos laranjais, lá está a bela casa de Tormes, pesada mas acolhedora, por onde entrará depois de circundar, pela parte de baixo, a eira e a ramada.

Esqueça o cansaço, olhe em seu redor de cima abaixo e, mentalmente, reveja nas palavras de Jacinto a grandiosidade do lugar e da região de Tormes e concorde: Ah! que beleza!.

Fonte: Fundação Eça de Queiroz, Citações in “A Cidade e as Serras”



Fim do itinerário “Caminhos de Jacinto”. Fundação Eça de Queiroz, Tormes, Santa Cruz do Douro / Dolmen

## O LEADER+ apoiou

O programa LEADER+/Dolmen (Cooperativa de Formação, Educação e Desenvolvimento do Baixo Tâmega) apoiou o projecto “O Caminho de Jacinto”, através da recuperação e sinalização do itinerário percorrido por Jacinto e Zé Fernandes, em “A Cidade e as Serras” entre a estação de Tormes (Caldas de Arêgos) e a Quinta de Vila Nova (actual Casa de Tormes), onde a Fundação Eça de Queiroz tem a sua sede.

O turismo cultural sendo uma das potencialidades do território, as ligações de Eça ao concelho de Baião e em particular a Tormes, não poderiam deixar de ser contempladas no Plano de Desenvolvimento Local, dado associarem a grandiosidade dos cenários naturais, onde o Douro é o actor central, à genuinidade dos sabores da gastronomia local, regada pelo famoso vinho de Tormes, cantado na celebrada obra de Eça “A Cidade e as Serras”.

Este projecto teve um grande efeito demonstrativo na região, servindo de paradigma a outros projectos aprovados no âmbito da sub-medida do Plano de Desenvolvimento Local (PDL) “Itinerários”.

Dolmen  
Cooperativa de Formação, Educação e Desenvolvimento do Baixo Tâmega



# “Região Solidária”: um movimento cidadão



Terminado o terceiro e último ano de implementação nas escolas do “Região Solidária – A Hora da Controvérsia”, os 200 alunos dos 2º e 3º ciclos das 11 escolas participantes, monitores, professores e equipa de projecto desta acção-piloto reuniram-se no dia 28 de Maio de 2007, na Escola Secundária de Figueiró dos Vinhos, para o Convívio Inter-Escolas “Espaço LEADER+JOVEM”. O projecto-piloto que se assumiu

como um exercício prático para as comunidades escolares, em torno dos conceitos de cidadania e desenvolvimento local sustentável reverteu-se de uma grande importância para os concelhos de Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Lousã, Miranda do Corvo, Pampilhosa da Serra, Pedrógão Grande e Vila Nova de Poiares.

A origem e o conceito de “Região Solidária” surgiu na base da construção de um projecto de cooperação interterritorial, com a mesma designação, no seio das oito Associações de Desenvolvimento Local que integram a Beira Litoral. Por sua vez “A Hora da Controvérsia” é uma acção concretizada pela Dueceira – Associação de Desenvolvimento do Ceira e Dueça/Programa LEADER+ELOZ nas escolas que integram os concelhos

do seu território, no âmbito do projecto Região Solidária. Em cada escola criou-se um espaço para os jovens, dentro do qual estes reflectiam e debatiam ideias, sempre em torno do conceito de solidariedade.

Ainda no âmbito do projecto de cooperação interterritorial “Região Solidária”, nomeadamente da acção “Imagens da Minha Terra, perspectivas do meu futuro”, foram concebidos e produzidos materiais lúdico-pedagógicos, que o programa LEADER+ ELOZ distribuiu por 47 escolas, abrangendo cerca de 2.400 alunos do 1º Ciclo. Refira-se que foram realizadas sessões de divulgação e sensibilização para a utilização complementar destes materiais em todas os agrupamentos, envolvendo-se no processo a totalidade dos professores. Foi, igualmente, delineado um processo de acompanhamento e monitorização que conta com a participação activa dos docentes. E ainda, produzido um sítio para a Internet (<http://imagens-minhaterra.blogspot.com>), que funciona como espaço de divulgação do projecto e de partilha inter-escolas de experiências e resultados.



## “Hortas Vivas” em Odemira

No quadro do projecto Re.Ci.Pro.Co. (Relações de Cidadania entre Produtores e Consumidores) realizou-se, nos dias 16 e 17 de Maio, o encontro “Hortas Vivas”. A primeira manhã viu um programa rico em reflexões e debates, sucedendo-se as intervenções de Rui Batista (Direcção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural); José da Veiga (Direcção Regional de Agricultura); Manuel Coelho (Presidente da Assembleia Municipal); António Camilo (Presidente do Município de Odemira) e Telma Guerreiro (Taipa/Rede Re.Ci.Pro.Co.). Samuel Thirion falou das “Urgências para o Desenvolvimento Rural”, seguido de Helder Guerreiro, com “De um cabaz da Horta e de uma Relação de Cidadania entre Produtores e Consumidores”. A tarde, apresentaram-se duas práticas nacionais (ADDLAP, ADREPES) e uma internacional. Em paralelo, decorriam dois ateliers de troca de experiências: o primeiro entre o grupo de produtores, dinamizado por Rosário Oliveira, e o segundo entre consumidores, dinamizado por Patrícia Rego (ambas da Universidade de Évora). As conclusões destas oficinas foram apresentadas e comentadas por Oliveira Baptista e seguidas de um debate. Na manhã do dia 17 de Maio, decorreu a reunião da Rede Nacional Re.Ci.Pro.Co., seguida de uma sessão de sensibilização sobre a “Alimentação responsável”, proferida por Samuel Thirion, e a apresentação do trabalho da Associação “Colher para Semear”.



## Serões na Aldeia da Dolmen



Dia 2 de Maio arrancou o II Ciclo de Serões na Aldeia. Esta iniciativa promovida pela Dolmen, Cooperativa de Formação, Educação e Desenvolvimento do Baixo Tâmega, quer criar um espaço de reflexão sobre temáticas distintas com o objectivo de retirar contributos efectivos para a definição da Estratégia de Desenvolvimento Local da região. Às sextas-feiras, durante os meses

de Maio e Junho, os temas abordados serão sucessivamente: “Educação, Formação e Cultura”, “Ambiente e Qualidade de Vida”, “Produtos Locais”, “Agricultura e Floresta”, “Promoção, Valorização e Comercialização de Vinho”, “Empreendedorismo, Inovação e Emprego” e “Turismo e Desenvolvimento”. Cada jantar/debate será sempre antecedido de uma visita a projectos apoiados no âmbito do LEADER II, LEADER+ ou ainda do Centro Rural da Ribadouro.



**PESSOAS E LUGARES – publicações apoiadas pelo Programa LEADER**  
Serafim, Maria do Rosário (coordenação da edição); Baptista, Carlos Manuel Maximiano/LEADEROESTE (recolha e produção); Edição DGADR/Rede Portuguesa LEADER+; Lisboa 2008

Com o apoio do LEADER+

Livro organizado em formato de catálogo, que integra uma mostra das publicações apoiadas pelo programa LEADER. Cada uma das diferentes regiões e GAL são indicados, por ordem alfabética do título, a capa da edição e respectivas referências bibliográficas. Dado o interesse em divulgar, também, outros materiais para além dos registos bibliográficos, existe uma rubrica intitulada Outros Materiais, na qual figura material promocional diverso, como folhetos desdobráveis, DVD, CD, postais, etc. Refira-se que todo este material está disponível para consulta nos serviços da DGADR ou nos GAL.



**Agueira, Dão e Caramulo – Literatura Oral da Nossa Região, Lendas – Vol. 1**  
Adices - Associação de Desenvolvimento Local; 1995

Com o apoio do LEADER

Lendas Religiosas, Lendas de entidades Míticas, Lendas Históricas, Lendas de Mouras e Mouros, Lendas Etiológicas e Outras Lendas... Ao todo, são mais de 30, as lendas reunidas nesta publicação, e que se reportam a um elemento geográfico fundamental na história da região “Aguieira, Dão e Caramulo”, a Serra do Caramulo. As razões pedagógicas que orientaram esta obra realçaram a atenção dada ao texto, uma escrita acessível e clara que, em termos gráficos, relembresse trechos manuscritos de agradável leitura, reforçada com ilustrações para cada uma das lendas... Uma iniciativa da ADICES - Associação de Desenvolvimento Local, em prol da valorização do “património histórico, ideológico e cultural, traduzido nas inúmeras lendas, contos, tradições e costumes, mezinhas, lenga-lengas... que, desde a infância, povoam o nosso imaginário.” (in Apresentação, Regina Lopes, Adices)



**Lendas, histórias e contos de Monchique**  
Junta de Freguesia de Monchique; 2008

Há muito tempo, existia em Monchique uma família muito rica, que ainda hoje existe, chamada Mascarenhas. Esta família, por cada pessoa que nascia plantava um plátano no Barranco de Pisões. E é aqui que se levanta a lenda! (...) (“Lenda dos Plátanos do Barranco dos Pisões”, in Lendas, histórias e contos de Monchique). “Lendas, histórias e contos de Monchique” é o resultado de um trabalho de pesquisa, recolha e tratamento de informação desenvolvido no âmbito da Área Curricular não Disciplinar de Estudo Acompanhado, pelos alunos das turmas A e B do 8º ano da Escola EB 2,3 de Monchique, no ano lectivo 2006/2007. “Um trabalho despretensioso”, afirmam os autores, que visa “apenas reavivar a nossa memória colectiva e fazer perdurar no tempo e no espaço a voz da tradição. (...) o ponto de partida para a realização de muitos outros, porventura mais aprofundados e cientificamente suportados que facultem a divulgação e promovam a dignificação de uma parte relevante da nossa identidade cultural.”



**Caderno de Poemas I**  
Probasto – Associação de Desenvolvimento Rural de Basto; s.d.

Com o apoio do LEADER II

*Basto, terra de Trás-os-Montes / onde as fontes / Nos matam a sede, / onde os montes / São verdes / E a terra é sempre terra // Basto, terras de Trás-os-Montes, / onde o povo é amigo / Onde o povo é amigo, / é a hospitalidade em, pessoa, / o orgulho que trago comigo // Basto, terra da minha inspiração/ Do meu horizonte, / da minha ambição, / das minhas raízes, / do meu encanto... // Basto, terra do saber / e do encantar / Da magia que paira no ar / E do sorriso que acolhe / a quem a Basto vem parar.* Terras de Basto II, de Rita Homem de Mello, 14 anos. Com coordenação de Manuela Rodrigues e Margarida Gomes, este Caderno de Poemas - que, na verdade, é uma elegante caixinha de cartão -, reúne 41 poemas da autoria de 14 poetisas das Terras de Basto (estudantes e professoras, dos 14 aos 85 anos), delicadamente ilustrados por Maria de Lurdes Costa Oliveira.

<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt>



Lançado em Junho de 2006, o Plano Nacional de Leitura, da responsabilidade do Ministério da Educação, em articulação com o Ministério da Cultura e o Gabinete do Ministro dos Assuntos Parlamentares, tem como objectivo central elevar os níveis de literacia dos portugueses e colocar o país a par dos nossos parceiros europeus. No site do Plano Nacional de Leitura, para além de informação sobre o Plano (objectivos, linhas estratégicas, público-alvo, áreas de intervenção), há *Notícias/Concursos*, *Ler+* (sugestões de actividades para serem desenvolvidas nas Escolas, Bibliotecas, em Família e Em todo o lado), *Programas e Iniciativas para as escolas* (Pré-escolar, 1º, 2º e 3º Ciclos), *Famílias e Instituições*, *Orientações PNL* (informação importante para a implementação do Plano pelas escolas e famílias), um catálogo de *Obras recomendadas* (organizadas por níveis de dificuldade, para os diferentes anos de escolaridade), *Estudos* (publicados no âmbito do PNL), e *Formação* (Mediadores de leitura). A consultar.

<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial>



O site do Projecto Vercial apresenta-se como a maior biblioteca virtual sobre Literatura Portuguesa. O objectivo do Vercial, que tomou o nome de um clérigo leonês (Clemente Sánchez de Vercial), que viveu entre o séc. XIV e o séc. XV e que escreveu várias obras de pendor religioso e moralizante é “divulgar o maior número possível de autores de língua portuguesa, desde a Idade Média até à actualidade.” No site, os autores (347)

encontram-se inseridos em determinado período literário (Secções) - medieval, clássica, barroca, neoclássica, romântica, pós-romântica, século XX, Literatura actual - sendo possível aceder a cada um deles a partir de um Índice de Autores. É apresentada uma nota biográfica de cada autor, alguns estudos teóricos, uma antologia de textos e, nalguns casos, obras integrais. Algumas obras encontram-se disponíveis para *download* grátis. Imprescindível para quem já aderiu aos *ebooks*.

<http://porosidade-eterea.blogspot.com>



Poemas... de Amor, eróticos, felinos, natalícios, sobre o mar, de esperança, de poeta para poeta... Escrevê-los é o convite de Inês Ramos, que se compromete a publicá-los no seu blogue Porosidade Etérea, dedicado à poesia, na rubrica *Os vossos poemas*. Alguns dos poemas são

gravados em áudio e encontram-se no *Arquivo Áudio* onde se pode aceder também a poemas cantados... de Ferrando Pessoa na voz de Mariza, Florbela Espanca pelos Trovante, entre outros. Outra das rubricas de destaque deste blogue é *Estante de culto*, onde são dadas a conhecer obras de diversos autores, organizadas pelas respectivas editoras. O blogue dá ainda conta da *Agenda Literária da Semana* (feiras do livro, exposições, lançamentos de livros, programas sobre literatura na rádio e televisão) e apresenta um extenso conjunto de *links* de Autores, Sites/Blogues de poesia, Espectáculos/recitais de poesia, Revistas e jornais literários, editoras, Livrarias, Bibliotecas, Arquivos e Outros locais.



## Adega São Tiago

## Poesia à mesa

À mesa da Adega São Tiago serve-se poesia dedicada à gastronomia, mas também à carne maronesa, com especificidade regional e certificada pela Associação de Criadores de Maronês.



Maria do Rosário Aranha

“Oh! ingénuas mesas honradas! / Toalhas brancas, marmeladas / Vinho virgem no copo a rir... / O cuco da sala cantando...” As palavras de Almeida Garrett, nas “Viagens na Minha Terra”, gravadas na toalha de linho, pontuam a refeição. Nas outras mesas outros poemas. Pablo Neruda, Cesário Verde, Luís de Camões, Eça de Queirós, Florbela Espanca, Manuel Alegre. Dez poemas, dez mesas. Outros tantos nas ementas. Em todos, toalhas e ementas, o tema é “alusivo à gastronomia ou mesas portuguesas”. Um mundo de poesia numa ideia de Esmeralda Lourenço, proprietária do restaurante Adega São Tiago.

Natural de Lisboa, residente há 11 anos numa Mondim de Basto descoberta em férias, Esmeralda Lourenço e o marido tinham decidido encontrar um “lugar mais calmo para viver”, longe da confusão da capital. Pairava um projecto familiar, com “fascínio pela ruralidade do nosso país” mas faltava o lugar certo. Mondim encaixou na perfeição.

O primeiro passo da aventura rural assentou no artesanato, mas Esmeralda cedo percebeu que as suas preferências iam mais ao encontro da gastronomia do que do artesanato. Por isso, decidem dar uma reviravolta na actividade profissional e apostam na restauração. O casal encontra um espaço, há nove anos, a antiga Adega São Tiago, próxima da câmara municipal, que foi o primeiro palco do “nosso projecto de gastronomia”.

O restaurante mantém-se aberto durante seis anos. A aposta gastronómica incide em produtos regionais e, ao mesmo tempo, “junta o tradicional com moderno”. É uma aposta ganha. No entanto, a manutenção do aluguer e a reduzida dimensão do espaço, levam a considerar outras possibilidades que

permitam a evolução do projecto. É então que descobrem o edifício da Rua Conselheiro José A. Ferreira. Compram a casa e começam a reconstruí-la em 2004.

### Carne maronesa

O novo espaço abre no dia 20 de Julho de 2007. Na sala de refeições, além das toalhas brancas bordadas de poesia, pontificam as cores inspiradas na urze, carqueja e musgo. Uma decoração em homenagem às tonalidades do Parque Natural do Alvão, que reflecte a “paixão pelo parque”. Projecto de decoração que foi candidatado ao programa LEADER+ da Probasto - Associação de Desenvolvimento Rural de Basto, no princípio de 2007, e que recebeu apoio da associação. Depois, à mesa, apostam na carne maronesa como especialidade da casa. Trata-se de carne de bovino certificada pela Associação de Criadores de Maronês. “Uma raça de montanha, primitiva, natural, e rústica”, cujo nome deriva da toponímia da região da Serra do Marão, e que é criada num sistema de semi-estabulação, em regime alimentar misto, com predomínio do pastoreio.

Sendo cedo para avaliar resultados conclusivos, os promotores acreditam que conseguiram “dar melhor qualidade aos clientes”, e ainda hoje “as pessoas procuram o nome” feito ao longo dos anos. Por isso, mantêm a assinatura Adega São Tiago. É um elemento identificador do anterior espaço e que se prolonga para este. Aquele que é mais visível e imediato.

Além disso, a Adega São Tiago tem investido na promoção através de “publicidade numa rádio local”. Ajuda a divulgar o nome da casa e a nova morada. Contudo, Esmeralda Lourenço garante que ainda não tem en-

chentes, “excepto em datas particulares e esporádicas”. Para já, os 40 lugares interiores mais as cinco mesas no exterior recebem, em média, “entre 50 e 60 pessoas, com variações sazonais”, por semana.

Daí que se aposte também numa extensão da Adega São Tiago enquanto restaurante itinerante. Consiste numa estrutura desmontável composta por cozinha e restaurante, com capacidade para 70 pessoas, que é utilizada em feiras gastronómicas e jantares em empresas.

A experiência não é nova. Nos arquivos da Adega São Tiago constam certificados de participação em cinco edições da “Feira da Terra”, Mondim de Basto, três na “Agrobasto”, Cabeceiras de Basto, duas na “Expo Rural”, Fafe, duas na “Feira de Artesanato e Gastronomia de Famalicão” e mais duas na “Ovibeja”. Neste trabalho em feiras e exposições também a carne maronesa impera como prato principal.

Em casa, na Rua Conselheiro José A. Ferreira, em Mondim de Basto, repetem-se as mesmas doses, completadas pelos pratos de frango, porco, trutas grelhadas ou arroz à valenciana, disponíveis para os almoços. Tudo acompanhado pelo vinho da região. Nas mesas fica a poesia. Pablo Neruda, Cesário Verde, Luís de Camões, Eça de Queirós, Florbela Espanca, Manuel Alegre. Para ler devagar.

João Limão

**Adega São Tiago**  
Rua Conselheiro José A. Ferreira  
Moinho da Igreja  
4880-230 Mondim de Basto  
Tel: 255386957

### Ficha Técnica

#### Pessoas e Lugares

Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+

II Série | N.º 52 - 2008

#### Propriedade

INDE - Intercooperação e Desenvolvimento, CRL

#### Redacção

INDE

Av. Frei Miguel Contreiras, 54 - 3.º  
1700-213 Lisboa

Tel.: 21 843 58 70 / Fax: 21 843 58 71

E-mail: pl@inde.pt

Mensário

#### Directora

Cristina Cavaco

#### Conselho Editorial

Cristina Cavaco/INDE, Francisco Botelho (membro honorário), Gestor do Programa LEADER+, Luís Chaves/Minha Terra, Maria do Rosário Serafim/DGADR, Rui Veríssimo Batista/DGADR

#### Redacção

João Limão, Maria do Rosário Aranha, Paula Matos dos Santos

#### Colaboraram neste número

ADRUSE, Alcina Costa (ADAE), Alípio de Melo, Ana Machado (ARDE), Ana Souto, Andrea Guedes (ARDE), Cristina Bairos (ARDE), Dolmen, Emanuel Guimarães (CM Ribeira de Pena), José Francisco Rolo (Adiber), Maria do Rosário Serafim (DGADR), Miguel Ventura (Adiber), Probasto

#### Paginação

Diogo Lencastre (INDE), Marta Gafanha (INDE)

#### Impressão

Diário do Minho  
Rua de Santa Margarida, n.º 4  
4710-306 Braga

Impresso em Junho de 2008

#### Distribuição

DGADR - Direcção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural  
Rede Portuguesa LEADER+  
Tapada da Ajuda - Edifício I  
1349-018 Lisboa  
Telf.: 21 361 32 57 / Fax: 21 361 32 77

#### Tiragem

6.000 exemplares

#### Depósito Legal

n.º 142 507/99

#### Registo ICS

n.º 123 607

Os artigos assinados exprimem a opinião dos seus autores e não necessariamente a do proprietário e Conselho Editorial deste jornal.



Ministério da  
Agricultura,  
do Desenvolvimento  
Rural e das Pescas

